

INFILTRADO NO CHAN:

Fascismo Tecno-Regressivo da **Red Pill** à **Infantilização da Política**¹

Luís Antônio Alves Meira

¹ Este é um produto não finalizado e sujeito a alterações. Aqui estão a introdução e o primeiro capítulo de um livro baseado na minha dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2021. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15176>.

Este livro foi 100% produzido por um humano de carne e osso.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A Adolescência da Humanidade	4
1. MAPEANDO A MATRIX	23
1.1 O que é a Matrix?	24
1.2 Da Biopolítica à Psicopolítica	33
1.3 Ditadura do Gozo	40
1.4 A Economia da Matrix.....	49
1.5 Economia da Atenção e Mudança Comportamental	55
1.6 Instâncias e Ataques à Atenção.....	61
1.7 Solipsismo Linguístico	68
1.8 Red Pill e Analfabetismo Ideológico	71
1.9 Red Pill e a Matrix	77
Red Pill e Contra-Revolução	82
2. A CULTURA DA TRANSGRESSÃO E OS CHANS	91
2.1 Ciber-utopismo e Ativismo Online	93
2.2 A Estrutura dos Chans.....	102
2.3 Devir channer	107
2.4 Gamergate e a Instrumentalização bélica do gozo	111
3.FASCISMO TECNO-REGRESSIVO	124
3.1 Os Novos Fronts de Batalha	124
3.2 A Grande Regressão.....	134
3.3 Fascismo Memético e a Crise de Liberdade.....	142
4. INFILTRADO NO CHAN.....	154
4.1 A Fantasia Red Pill.....	154
4.2 A Ética dos Chans	168
4.3 Tomando a Pílula Vermelha.....	174
4.4 Análise do Discurso Red Pill.....	179
4.5 Os chans para além do ‘Dogola’	201
5. INFANTILIZAÇÃO DA POLÍTICA	218
5.1 Para além do ‘Fim da História’.....	220
5.2 A Língua e suas Limitações	226
5.3 Infantilizando a Política: Aceleração e Midiatização.....	230
5.4 Política da Infantilização	236
5.5 A Mente Conectiva e a ‘4channerização’ do Mundo	241
5.6 Infantilização da Política como Aparato de Guerra-Híbrida	253
5.7 Luta de Classes e Guerra Semiótica	276
CONCLUSÃO: Tudo é Meme	292

Introdução

A ADOLESCÊNCIA DA HUMANIDADE

Não é fácil contar uma história enquanto ela se desenvolve. Descrever o momento presente quando o futuro é mais incerto do que nunca é como tirar uma foto da janela de um carro em movimento: o resultado, não dificilmente, será um borrão. Mas este borrão também conta uma história. Dele entende-se que há movimento, há deslocamento, há uma passagem, uma transitoriedade. Esta transitoriedade é precisamente o borrão que ilustra este momento histórico. A história deste livro é contada com pinceladas de ciência e sua narrativa é uma mistura de três gêneros literários: *Coming of age*, *True Crime* e *Ficção Científica Cyberpunk*.

É **Ficção científica** porque ela não deixa para trás os elementos que compõem o gênero *Cyberpunk*: Alta tecnologia e baixa qualidade de vida.

É **True crime** porque nos aprofundamos na reação violenta gerada diretamente por esta baixa qualidade de vida, engendrada pela tecnologia.

E é uma história de **Coming of Age** da humanidade em sua relação com as tecnologias da comunicação. Histórias do gênero frequentemente jogam luz nos conflitos entre as fantasias da juventude e o amadurecimento necessário para se navegar a realidade.

Este livro se coloca nas frestas, sempre nesta bagunça entre gêneros, em um território interdisciplinar, um território híbrido. Pois só um território híbrido pode dar conta de alocar uma realidade tão volúvel e fantasiosa quanto a de 2025. Engraçado é que a ficção científica hoje está mais próxima do realismo fantástico que de qualquer outra coisa. Então seria este um livro de *Realismo Fantástico Científico*?

A fantasia tem um peso considerável aqui. Pois são estas fantasias que nos distraem da nossa condição de assombro. Dos nossos fantasmas que nos puxam para nossos impulsos mais obscuros. Sim, fantasmas. Talvez o *terror* esteja presente também.

E o terror vem do fato de que um espectro assombra o século XXI: **o espectro**

do Édipo². Um espectro é a *presença de uma ausência*, e o **Édipo** é um dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana; **o conceito psíquico que representa a negatividade e traduz a estrutura de poder do antigo mundo disciplinar**. O mundo *disciplinar* era marcado pela hierarquia vertical, enquanto o atual mundo *pós-disciplinar* caminha rapidamente para uma horizontalização do laço social, **para a superação da figura do Édipo**. Uma mudança tão rápida e sem precedentes no paradigma social que é inevitável que os sujeitos de nosso tempo sejam também assombrados por esta confusão. *Esta confusão é hoje um dos nortes que alguns seguem e formam suas identidades*.

A internet conectou o mundo inteiro de uma vez e isso bagunçou a antiga ordem social: em uma ordem vertical tínhamos todos um norte subjetivo a ser seguido, sabíamos todos mais ou menos o que ser quando crescer (ou pelo menos, para onde seguir). Agora existem vários caminhos; várias formas de ser e de pensar. Agora entramos em contato radical com o outro. E o outro assusta. O Édipo garantia que todos fôssemos iguais, que todos tivéssemos um horizonte comum a ser seguido. **E a falta dele nos assombra.**

O psicanalista Jorge Forbes chama este novo momento da terra, esta mudança paradigmática do laço social vertical para um laço social horizontal no século XXI de **Terra Dois**.

Tá todo mundo sabendo que o mundo mudou completamente; que as nossas vidas não tem mais nada a ver com como a vida era. A gente não nasce mais do mesmo jeito, a gente não estuda do mesmo jeito, não namora, não

² O mito de Édipo Rei é uma das histórias mais famosas da mitologia grega, escrita pelo dramaturgo Sófocles. A história gira em torno de Édipo, um príncipe de Tebas que, sem saber, cumpre uma terrível profecia. A profecia dizia que Édipo mataria seu pai e se casaria com sua mãe. Para evitar isso, seus pais biológicos, Laio e Jocasta, o abandonam ainda bebê. Ele é encontrado e criado por outro casal. Ao crescer, Édipo descobre a profecia e tenta evitar seu destino, mas, por acaso, acaba matando seu pai verdadeiro, Laio, em uma briga e se casa com Jocasta, sua mãe. Quando a verdade vem à tona, Édipo e Jocasta são consumidos pela tragédia. Jocasta se suicida e Édipo, em desespero e arrependimento, se cega e se exila de Tebas. O mito explora a ilusão de livre-arbítrio e a ironia do destino, onde os esforços para evitar-lo acabam, paradoxalmente, levando à sua realização. No contexto do complexo de Édipo, o menino (ou "Édipo") desenvolve um desejo inconsciente por sua mãe e um sentimento de rivalidade e ciúmes em relação ao pai, que vê como um competidor. Freud acreditava que essa dinâmica é uma parte normal do desenvolvimento, e que a resolução saudável do complexo é essencial para o desenvolvimento psicológico futuro da criança. Para as meninas, Freud introduziu um conceito similar chamado "complexo de Electra", no qual a filha experimenta sentimentos semelhantes em relação ao pai e rivaliza com a mãe. A resolução do complexo de Édipo ocorre quando a criança se identifica com o pai ou a mãe do mesmo sexo, internalizando as normas e valores parentais, ou seja, quando a criança é devidamente introduzida ao simbólico (às normas sociais).

trabalha, não aposenta (...) e nem morre do mesmo jeito. E no entanto a terra é igual. Geograficamente é aquele planeta que a gente conhece e tal (...), mas a gente vive nela de uma forma diferente. (...) estamos na Terra, mas não estamos mais naquela Terra que a gente viveu até 30 anos atrás, que eu chamei de “Terra Um” e entendo que nós entramos num novo momento da humanidade, que é “Terra Dois”, que é uma mudança imensa em relação ao que a gente era até agora e isso chama atenção das pessoas dizendo “**olha gente, a gente precisa reaprender a viver, a gente precisa de uma nova bússola, nós ficamos desbussolados, nós não temos ferramentas para entender o mundo de hoje**”. (FORBES, 2024, grifo nosso)³

Sujeitos desbussolados são o que somos. Todos. Ninguém está livre desta condição. Este é o drama do início do século XXI. Alguns destes sujeitos reagem melhor ou pior. Alguns reagem ao outro (ao diferente) negando-o. Alguns tomam atitudes reacionárias, violentas, alguns querem destruí-lo, e alguns querem mandar destruir. Se aprendeu também a mobilizar e manipular estas reações negativas. **Neste primeiro momento do novo século XXI, no vácuo deixado pelo Édipo, a política se faz assim. A política aprendeu muito bem a orientar o desbussolado à destruição.** Falta ainda aprender a orientá-lo à construção.

Para ser didático, pego emprestado a referência à Terra Dois (FORBES, 2010). Mas o que exatamente é Terra Dois? **É o momento em que passamos a ser todos iguais graças à internet?**

Não. Terra Dois é o momento em que somos todos diferentes. E, mais do que nunca, nós vamos ter que suportar as diferenças de cada um porque todas essas diferenças tem igual possibilidade civilizatória, igual valor na civilização. Donde existir tensões importantes nos dias de hoje (...) na famosa polarização ou polarizações que a gente está vivendo. (FORBES, 2022, grifo nosso)⁴.

Terra Dois é o novo mundo onde o **desejo** e o **poder** se libertam das antigas estruturas disciplinares (verticais) e cria estes sujeitos confusos, desbussolados, com uma certa dificuldade de se orientar na nova realidade (horizontal), em que não se tem um conjunto definido de valores que garantam sua socialização, sua coesão de grupo. Por isso cada vez mais se formam bolhas, pequenos mundos em que sujeitos desbussolados se reúnem em torno. O outro, o diferente, se torna o símbolo ideal de

³ Entrevista do psicanalista Jorge Forbes ao podcast do Correio Brasiliense. Disponível em <https://youtu.be/sluVlypXrAA?si=ODzkbREt7tHBnyqo>. Acesso em 30/08/2024.

⁴ Disponível em <https://youtu.be/OTU0ulapRnQ?si=6gFsNMeXTVmFJgeh>. Acesso em 31/07/2024.

tudo aquilo que o grupo nega para formar sua identidade. Na falta de um referencial bem definido do **que** e **como** ser, se constrói um [referencial] *a partir da negação com o que não se é*.

E é aqui que entra o Édipo. A psicanálise usa de mitos para nomear estruturas da psique humana. O mito de Édipo Rei, para Freud, equivale à figura da ordem patriarcal; do pai que diz "não!"; que introduz a *interdição ao desejo* no sujeito; que o adapta à convivência social por meio da introdução ao simbólico (à linguagem). Na psicanálise, este pai disciplinador vem nos separar do gozo materno (da ilusão de unidade com a mãe, típica da infância); ele é quem nos apresenta à **negatividade**.

O mito de Édipo simboliza esta estrutura de poder muito particular ao mundo do século passado. Um mundo guiado por grandes narrativas mantidas pelo poder das instituições tradicionais (como a igreja e a família patriarcal), que formavam um laço social hierarquicamente coeso: vertical e masculino. Hoje, a queda do Édipo representa a mudança para uma **sociedade baseada na permissividade, na positividade**, mais distante de ideais subjetivos tradicionais – me aprofundo nesta questão logo no primeiro capítulo.

A nostalgia pela vida neste mundo antigo (este fantasma do Édipo) é justamente o que energiza os movimentos políticos do novo fascismo⁵. Eles se organizam em torno da **reação à horizontalização do laço social**, e insistem em regredir em direção a um passado idealizado (por figuras de autoridade que visavam manter o funcionamento de um mundo que já não existe mais). Este mundo assombrado pelo Édipo (cuja ausência se faz presente), ao mesmo tempo em que carrega uma infinita capacidade criativa (podemos imaginar o mundo que quisermos agora), é marcado pela *ansiedade da incerteza e pelo susto de uma maturidade recém-chegada (sentimos falta de alguém para nos dizer o que fazer)*.

Se em Terra Um os sujeitos tinham um referencial muito claro a que obedecer e seguir, hoje temos que aprender a viver sem que ninguém nos diga como ou quem ser. O mundo vive hoje seu momento de transição entre sua infância (Terra Um) e sua

⁵ O fascismo sempre cultuou passados míticos para justificar suas políticas reacionárias. O passado mítico hoje é de um mundo sem a presença do "outro": do imigrante, dos pretos, dos homossexuais, das feministas, de todo grupo cuja voz e presença represente uma negatividade (*um mimimi*) para o grupo hegemônico.

maturidade (Terra Dois). Imagine que antes andávamos em uma bicicleta com rodinhas auxiliares e, de repente, somos obrigados a pedalar sem ajuda. De início, naturalmente, vamos cambalear e pensar que “*antes era mais fácil*”, até que aprendamos e nos acostumemos com a nova realidade. A consolidação de Terra Dois é marcada pela turbulenta transição da infância da civilização global para sua maturidade. **Esta é a adolescência da humanidade.**

E a Adolescência nem sempre é fácil. O peso de nosso tempo histórico é superar esta difícil rebeldia desnorteada em que o mundo se encontra. Mas ok, e aí? **Como criar um norte neste mundo desbussolado?** Para quê exatamente a educação nos prepara num mundo horizontalizado? Como superar esta adolescência civilizatória e, mais importante, **o que é ser adulto em um mundo pós-disciplinar, pós-patriarcal?** Agnes Heller, aluna de György Lukács, nos dá uma dica:

O amadurecimento do homem significa, em qualquer sociedade, que o indivíduo adquire todas as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana da sociedade (camada social) em questão. É adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade. (HELLER, 2011, p. 33).

Somos agraciados então com uma lógica até que simples: *se é adulto aquele que sabe viver por si mesmo a vida cotidiana da sociedade*. E, uma vez que a sociedade agora é bem mais abrangente (abarca muito mais formas de existência), podemos concluir que *a maturidade hoje pressupõe saber lidar com o diferente*. **Superar a adolescência da civilização é adquirir todas as habilidades necessárias para se viver em uma sociedade onde todos são diferentes.** Assim alcançamos de fato a maturidade civilizatória que Terra Dois promete: a consolidação do laço social horizontal.

Mas é aí que entram em jogo as forças do retrocesso, do reacionarismo, do fascismo, da infantilização. O fascismo imprime no sujeito o afeto de superioridade com relação ao outro. Ele basicamente transforma os sujeitos em crianças mimadas nostálgicas pela ordem disciplinar, incapazes de simbolizar e entender uma nova realidade mais plural e, portanto, precisam professar seu desejo pela (ou mesmo realização do ato de) *eliminação do diferente, de tudo aquilo que não é espelho*. **Esta é a antítese do processo civilizatório.**

O fascismo em Terra Dois se apropria do imenso potencial criativo deste momento para professar um desejo auto-destrutivo pelo passado, quando não se precisava tolerar o outro. Essa própria criatividade se torna arma para as estruturas antigas (conservadoras) direcionarem estes sujeitos desbussolados à defesa das mesmas. A subjetividade neofascista se apoia na ética do novo mundo digital; uma ética de positividade, de permissividade que produz um excesso criativo para criar e manter novas formas de desejo associadas à valores antigos (muitas vezes incompatíveis com o mínimo necessário para uma convivência em sociedade). Por isso o discurso da defesa de uma LIBERDADE abstrata é tão comum na nova extrema-direita. **Assim, para o novo fascismo tudo é permitido** e quem achar ruim é um *esquerdista mimizento*. **É que sem o Édipo não há interdição do desejo, e as forças regressivas se adequam a este novo paradigma.** Somos assombrados também por esta tão buscada permissividade, assombrados pelas lutas libertárias do século passado, que um dia gritaram "*É proibido proibir!*". A inversão e confusão dos valores de outrora também marcam os embates políticos atuais.

Neste contexto surge um formato comunicativo muito representativo dessa nova capacidade criativa de um mundo hiper-conectado, que são os **Chans**; nosso ambiente de estudo. **Um chan (ou imageboard) é um fórum anônimo, aberto para a circulação de todo o tipo de conteúdo.** Este formato traduz a internet em seu estado mais radical: a forma do excesso criativo desenfreado, desregrado, *a forma da aleatoriedade digital*. E ele produz uma cultura muito cara à manutenção da ordem civilizatória: **a cultura channer**, cujo produto mais extremado são os **incels**. "Incel" é a abreviação de "*involuntary celibate*" (celibatário involuntário). Os incels são frequentemente associados à episódios de violência direcionada às mulheres e outros grupos que consideram responsáveis por suas dores e frustrações. Mas eles não estão sozinhos nesse padrão.

Ao longo deste livro mostro que os incels são a ponta de lança do processo de radicalização online. E todo processo de radicalização online segue os moldes formados por este grupo. **Eles são o paciente zero da radicalização digital.** Eles são, certamente, o mais significativo subproduto da confusão que o mundo vive; *produto da inadequação social que é produzida pela passagem de Terra Um para Terra Dois*. A organização destes sujeitos, surgidos nos chans, pressupõe um afeto regressivo de romantização da sociabilidade disciplinar de Terra Um. **Proponho que a forma chan**

foi quem deu os moldes para a forma da política reacionária no século XXI: foi ela quem deu a estrutura da ética do desejo partilhada pela Extrema-Direita, a ética de um gozo desregrado. O novo fascismo tornou-se um grande chan. **Por isto nos infiltramos no chan.**

O sujeito dos chans: geralmente jovem, branco, supostamente participante de uma posição outrora hegemônica, uma vez que está desbussolado, carece de um norte e de entendimento das dinâmicas de poder do mundo. *É esta carência simbólica que o prende em um lugar de defesa de um status quo disciplinar*, porém, utilizando de novas formas de desejo típicas do mundo digital. Este livro se propõe a ser uma espécie de ato analítico direcionado ao sujeito channer e ao sujeito incel (no limite de meus referenciais teóricos), mas que pode servir também para ilustrar as dores do sujeito reacionário mais clássico (o tio do zap). **Afinal, estão todos desbussolados e seguem o mesmo molde de radicalização.**

Finalmente, este é só mais um capítulo da história da humanidade (que não acabou, como disseram os liberais nos anos 90). Abraçando meu viés marxista, parto do preceito de que **a história do mundo é a história da luta de classes**. Luta de classes pressupõe disputas pela manutenção do desejo. E os desejos vêm da fantasia, que vêm da ideologia, que são engendrados pela classe dominante. Esta ideologia dominante se apropriou da cultura de internet e de novas formas de desejo que respondem a angústias típicas deste período histórico desbussolado: o desejo da aleatoriedade da internet (**o excesso criativo**), da prática publicitária (**do gozo do fetichismo da mercadoria**) e do descobrimento da verdade do filme Matrix (**sentimento de esclarecimento diante de um mundo desbussolado**), materializado na figura da **Red Pill**. Para investigar estes três desejos, me infiltro nos chans e assumo a posição de um observador interno: de **ombusdman**.

Ombudsman é como se chama o profissional contratado por uma empresa ou instituição sob a função de receber críticas, sugestões e reclamações de usuários e consumidores de um serviço. O cargo exige uma ação imparcial para mediar conflitos entre as partes envolvidas. Em um jornal, por exemplo, este cumpre a função de intermediário entre o leitor e a publicação. É do ombudsman de um veículo de comunicação que se espera a autocrítica quanto às decisões editoriais que chegam ao público final. Posso dizer que este livro se propõe a encarnar um triplo papel de

ombudsman: da **cultura de internet** no Brasil e no mundo, da **publicidade** e da franquia **Matrix**.

Neste caso imaginemos que fui contratado pela instituição da comunicação política. Esta combinação (Internet/Publicidade/Matrix) representa os pilares do que entendo hoje ser a nova face das disputas políticas dentro da comunicação digital. A política é essencialmente comunicação. Se a comunicação hoje assume as formas ditadas pela dinâmica da cultura de internet, logicamente, o fazer político também seguirá este formato. Ainda mais se levarmos em consideração o quanto a cultura de internet hoje é guiada pela raiz mercadológica dos algoritmos. A franquia Matrix entra na equação emprestando à gramática política a sua famosa Red Pill. Entendo que este é um dos símbolos mais potentes de mobilização política pois é por ele que *o sujeito contemporâneo se adequa mais facilmente à lógica algorítmica* e, consequentemente, aos conteúdos e valores que por ela fluem. A nova militância digital pega emprestado da publicidade a venda de subjetividades. **A militância que souber se aproveitar desta dinâmica tem mais sucesso no embate político. E atualmente quem o faz é a extrema-direita.**

Este livro se propõe a ser um *guia prático, histórico e sentimental* da subjetividade neo-fascista. Ele é um mapeamento cognitivo da lógica de criação de identidades que vitaminou a ascensão do fascismo no século XXI. Ele é a evolução da minha pesquisa de mestrado que nasceu em 2019, no auge do Bolsonarismo, antes da pandemia; um ano depois da **explosão libidinal de 2018**. É clichê dizer que as eleições de 2018 foram um ponto fora da curva dos pleitos anteriores. Foi o período eleitoral mais efervescente, mais passional e, portanto, mais violento da nova república. Digo isto porque foi nela que eu percebi o auge de um efeito vindo do que eventualmente se tornaria o meu objeto de pesquisa: o **Fascismo Tecno-Regressivo**. Não é à toa que crio esta nomenclatura específica para se referir à prática política de Donald Trump e seus discípulos: Javier Milei, Nayib Bukele, Jair Bolsonaro e, mais recentemente, Pablo Marçal.

A eleição presidencial de 2018 serviu de laboratório para as eleições municipais de São Paulo, em 2024, e servirão de molde para as próximas, certamente. Foi essa

pureza metodológica da comunicação de Pablo Marçal que dividiu os votos da direita em São Paulo. E Marçal ainda foi mais eficaz que Bolsonaro por parecer menos violento e deixar de lado sua estética militarista – que denuncia seu viés autoritário. Mais importante, ele soube parecer *jovem*: soube transformar o debate político em uma competição de *memes*, ele soube usar de **técnicas** comunicativas (que só as novas tecnologias possibilitam) para *infantilizar (regredir) a política*. **O novo fascismo é tecno-regressivo.**

O Fascismo Tecno-Regressivo é precisamente o formato do fascismo em Terra Dois. Ele corresponde ao impulso libidinal regressivo de uma sociedade que nega a ordem do processo civilizatório por falta de uma narrativa que englobe suas dores. Esta narrativa, quando aparece de forma rápida, simplificada, fácil de ser consumida, consegue organizar todo um gozo coletivo que estava “travado” e condensá-la na figura do candidato anti-político. De forma que quando o real debate político é feito, ele aparece como algo "chato", menos interessante que aquele discurso simplificado. E o discurso político simplificado tem apelo porque ele libera esse gozo coletivo "travado".

O que Marçal fez em 2024, e Bolsonaro em 2018, foi abrir **fluxos de positividade**, que quando ameaçados de serem fechados, instigam seus sujeitos a um estado bélico de defesa. Eles defendem suas novas realidades recém consumidas (esse brinquedo novo) como se suas vidas dependessem disso. Porque para eles, meio que dependem mesmo. O discurso neofascista engendra assim uma defesa existencial em seus sujeitos, pois as narrativas oferecidas pelo fascismo tecno-regressivo tratam de simbolizar cada aspecto da vida desses sujeitos de forma positiva, simples, e até mais divertida que a realidade. Aí entram as fake-news, documentários do Brasil Paralelo e toda aquela realidade fantasiosa que seus parentes consomem no zap. E ir contra toda esta positividade libidinal, toda esta energia solta, torna-se uma ameaça. Aquele cuja existência se encontra ameaçada, reage. As reações são constantes. Muitas vezes violentas e auto-destrutivas. **Do ponto de vista de um estrategista de campanha, como isso aconteceu?**

Primeiro, foi preciso reduzir a complexidade da política como objeto comum. Simplificar o ato da militância à sua forma mais básica, mais simples de ser digerida, para que ela seja mais facilmente compartilhada: **foi preciso adaptar a militância à lógica algorítmica**. Transformar a política num *fast-food*, ou seja, *infantilizar* a política.

Segundo, é preciso associar a militância do candidato neofascista à uma **defesa existencial dos sujeitos**. O que resulta em uma militância aguerrida. E “aguerrida” é a apalavra certa. O DNA da guerra se faz presente em todo o vocabulário neofascista. O mesmo acontece com Trump e sua legião de milícias defensoras da segunda emenda. Foi percebendo estes padrões – que a extrema-direita brasileira copia descaradamente – que decidi nomear seu conjunto como “Fascismo Tecno-Regressivo”. **O Fascismo Tecno-Regressivo usa de técnica retórica e midiática para manter seu sujeito em um estado de regressão estratégica**, pronto para ser mobilizado por um discurso reacionário de apagamento do outro ou *agir por conta própria*. É aqui que entra em cena o chamado **terrorismo estocástico** (que nos aprofundaremos no capítulo 3).

Fascismo Tecno-Regressivo é a organização tática do que chamo aqui de **Infantilização da Política** – que será devidamente explorada no capítulo 5. A lógica desta terminologia é que infância vem do latim *infantia*, do verbo *fari*: falar — dizer, possuir a fala — em seu particípio presente *fans*; falante, e da negação *in*. Ou seja, o infante é aquele que não fala, que não possui as coordenadas simbólicas para se comunicar com o outro, com a sociedade. A infantilização da política é esta estratégia de regredir os sujeitos políticos tendo como referencial a lógica algorítmica, viciando-os em um **conteúdo que tanto reforça suas identidades quanto os afastam dos referenciais simbólicos necessários para a socialização com o outro** (como os videos que sua avó recebe no zap). *Esta é a dinâmica de coesão do Fascismo Tecno-Regressivo*.

O objeto central de sua política, aquilo que ele oferece, é um reforço subjetivo/cognitivo reacionário – que esconde um violento libertarianismo econômico austero, entreguista e filiado ao (tecno) capital estadunidense. *Do ponto de vista do marketing político é genial!* Você cria uma militância literalmente pronta para dar a vida por determinados valores, em seguida você associa estes valores a um candidato e pronto! Se criam literais máquinas (desejantes) de guerra prontas para matar e morrer pela sua causa. **Maquiavel ficaria orgulhoso!** Este processo funciona tanto com a tia do zap quanto com o menino esquisito da escola que não se encaixa no ambiente social mais amplo. **A estratégia de bélica aqui é a associação e desassociação de sentidos.**

Para entender o funcionamento desta radical dinâmica de comunicação política é

preciso que entendamos o atual contexto comunicacional. Mais que isso, é preciso que entendamos sua infraestrutura. Talvez este seja o maior desafio deste livro uma vez que estamos no meio de, talvez, as maiores mudanças econômicas deste a segunda-guerra. Yanis Varoufakis (2023), ex-ministro das finanças da Grécia, inclusive, propõe até que já superamos o capitalismo neoliberal globalizado. Estaríamos agora no Tecno-Feudalismo (2023), guiados para a geração de dados sob o guarda-chuva de algumas poucas grandes empresas que gerenciam o novo poder por meio da produção do bem mais essencial: subjetividade/comportamento. Esta é a chamada Big Tech, ou o "Capital de Nuvem" (p.9).

O *Capital de Nuvem*; captura nossa **atenção**; manufatura nosso **desejo**; o vende **diretamente** para nós, fora de qualquer mercado tradicional que vá nos saciar do desejo que ele mesmo nos faz ter; **direciona a produção** dentro dos espaços físicos de trabalho; e provoca uma quantidade massiva de **trabalho gratuito** de nós, seus servos da núvem⁶. Assim, não estamos mais em um mercado global, mas em **feudos digitais**.

É urgentemente necessário entender o poder colossal que os lordes tecno-feudais têm de extrair mais-valor de nosso trabalho não pago. Porque, para a extração deste mais-valor, eles direcionam e moldam nossas subjetividades: *quem nós somos e podemos ser*. A aliança destes lordes com os novos fascistas é precisamente o calcanhar de aquiles do mundo contemporâneo. Por isso o apoio massivo deles à campanha de Donald Trump em 2024. É preciso saber que Jeff Bezos, Elon Musk e Mark Zuckerberg não são tipos tradicionais de capitalistas monopolistas. Eles não são donos dos produtos vendidos na Amazon, no Facebook ou no X, mas eles são donos do algoritmo que decide quais produtos e conteúdos você vê e quais não vê. Cria-se assim uma Matrix finamente ajustada para a captura dos nossos desejos e defesa do sistema que nos oprime. O resultado é uma hiper-realidade consumista mediada por *tech-bros*. Todo desejo, todo sonho, agora é vendável. A realização irreprimível dos nossos sonhos só poderia se tornar, claro, num pesadelo. É aqui que o fascismo e o capital de nuvem tecno-feudal dão as mãos (e muito mais). **Seu filho é o Fascismo Tecno-Regressivo.**

⁶ 'Technofeudalism — the video' (Yanis Varoufakis). <https://youtu.be/Fhgm5b8BR0k?si=SzTXkchjQQ5iw3aD>. Acesso em 22/03/2024.

Por isso entendo que hegemonia da lógica persuasiva da publicidade nas novas formas de sociabilização digital (e consequentemente nas novas formas do fazer político) **minam diretamente as liberdades existenciais e cognitivas de seu objeto: seu público-alvo**. Entendo que a discussão a respeito da ética sobre a prática da coação publicitária a nível cognitivo deveria ter o mesmo peso que a discussão sobre liberdade na internet. Paradoxalmente, a sensação de liberdade é a isca, o *bait*, destas novas formas de coação e persuasão no paradigma digital. E esta sensação de liberdade cobra um preço altíssimo em capital humano. **Ilustrar este custo é o ponto central deste livro**. A "liberdade" defendida pelos lordes tecno-feudais e pelos fascistas do século XXI é precisamente o meio pelo qual estas forças tecno-regressivas se utilizam para capturar e controlar nossos desejos. Cria-se assim uma cultura de liberdade total, de *absolutismo da liberdade de expressão* (mas só para quem não for de encontro com os interesses do capital tecno-feudal)⁷. Mas de onde vem essa cultura de “liberdade irrestrita”? Eu tento responder (no capítulo 2) fazendo um apanhado histórico das formas de poder e de produção cultural na internet.

Para entender este contexto histórico é preciso que lembremos que o trabalho hoje não se resume ao espaço físico de trabalho assim como a escola não limita ao espaço escolar, assim como a guerra não se limita ao ambiente físico. Vivemos hoje em uma sociedade híbrida, onde as fronteiras das instituições são difusas e o confinamento típico das sociedades disciplinares do século passado já não representam mais nada a não ser nostalgia. Guilles Deleuze (1990) já nos alertara em seu ***Post-Scriptum sobre as sociedades de controle***: "o que conta não é a barreira, mas o computador que detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal" (p.3). O fim das fronteiras que veio com a internet inaugura uma sensação onipresente de liberdade. E a sensação de liberdade é precedida pelo colapso dos meios de confinamento. É pela sensação de liberdade que se flui a "mágica" da publicidade, da criação do desejo. São estas as "alegrias do marketing" (p.4) que Deleuze descrevera no início da década de 90 sobre as "Sociedades de Controle", mas que hoje assumem sua forma plena com a atual "sociedade de Desempenho", de Byul-Chul Han (2010). O desempenho é hoje a lógica de maximização do controle. E o controle só é maximizado com a eficaz criação de

⁷ Elon Musk se considera um "absolutista da liberdade de expressão" mas tem um histórico de perseguição judicial e supressão de seus críticos no X (antigo Twitter). Disponível em <https://www.theguardian.com/commentisfree/2024/apr/06/elon-musk-free-speech-lawsuits>. Acesso em 02/08/2024.

desejo pela maximização. **O desempenho de Terra Dois é o que substitui a disciplina de Terra Um.**

A questão é que a manutenção destes comportamentos de pura positividade, de puro devir, deste *"vale tudo porque estamos na internet"* não encontram um fim em si. É a manutenção destes afetos que prende este sujeito da pura liberdade em novas formas de sofrimento surgidas na nova sociedade do desempenho (HAN, 2015). E estes sofrimentos são, precisamente o que direcionam este sujeito à busca infinita por "liberdade". Assim os sujeitos retroalimentam os mecanismos de poder no qual estão submetidos. *"Liberdade"* e *"zueira"* são ideias subordinadas ao livre fluxo de positividade no qual as estratégias de marketing que guiam as novas formas de poder operam. Esta positividade é o que divide e extrai infotrabalho (BERARDI, 2019) dos sujeitos.

É neste aspecto que esta pesquisa se propõe a ser – se fomos bem-sucedidos ou não, é outra história – de certa forma uma vacinação à certas técnicas coercitivas do capital de nuvem/tecno-feudal que são muito bem organizadas dentro da atual economia da atenção que guia as redes sociais. Nas redes, o produto a ser vendido e direcionado ao público não se limita à bens de consumo físicos. **Ideologias, reforços cognitivos, identidades e, em última instância realidades, também fluem pela máquina publicitária digital.** Esta é a produção do capital de nuvem. Enquanto estes lhe são publicizados, o usuário é vendido na forma de dados e metadados para anunciantes que se valem dos mais refinados saberes para os manter produzindo informação e, assim, refinar a cada vez mais própria máquina atencional na qual se baseia a publicidade direcionada. Assim, se mantém o usuário grudado na tela rolando a timeline infinita e ensinando à máquina algorítmica o que lhe causa reações emocionais ou não. Tudo isso via engajamento, *likes*, *dislikes*, pelo tempo que se para a timeline e assiste ou lê a um conteúdo, para quem e por onde compartilha, etc.

De 2009 a 2014 (mais ou menos) era comum ver memes na internet *"mainstream"* – os arcaicos blogs de humor e as páginas de Facebook – e saber que eles tinham se originado no 4chan. Nestas páginas e grupos era onipresente a referência ao site. Seja nas gírias, no interdiscurso (nas referências), ou até mesmo na tradução e

reapropriação direta de memes do site, a dita cultura “*channer*” fez parte de um período da adolescência de muitos jovens em uma época que alguns chamam de “era de ouro da internet” – quando supostamente “não havia política na internet” e tudo era voltado à “zueira”, à pura positividade e gozo que a (então) recente “inclusão digital” trouxera na cultura de internet brasileira.

Foi em 2014 que percebi uma certa partição, um certo conflito, dentro da cultura “zueira” da internet. Cheguei a esta conclusão quando, em grupo no Facebook, fiz uma piada com um certo político que havia perdido as eleições daquele ano (era o Aécio). Fui alvo de alguns perfis vindo até mim e me mandando comentários bastante desagradáveis. **Fora meu primeiro contato com a tática de assédio virtual da nova direita.** De 2014 em diante percebi cada vez mais o crescimento da toxicidade da cultura de internet. O movimento responsável por esta mudança paradigmática na estratégia de organização da nova direita, a chamada *Alt-Right*, coincide com o episódio que ficou conhecido como *Gamergate*, que aprofundarei no capítulo 2. Criou-se então uma cultura em que “piadas” racistas, misóginas e xenofóbicas são apresentadas sobre o verniz da “ironia”, em que nada deve ser levado a sério. **Mas o que separa a piada da seriedade quando tudo se torna piada?**

Ao channer – o usuário assíduo de chans – que possa estar lendo este livro indignado pela mera existência de um compilado de textos que descrevam este espaço – que era pra ser para sempre anônimo e separado dos “*normies*” –, peço paciência antes de fazer *threads* e mais *threads* criticando mais um esquerdista que ousa interromper o fluxo contínuo de positividade irrestrita dos fóruns anônimos. É da cultura channer – proponho aqui – que nasce o culto à permissividade irrestrita proporcionada pela internet nas relações sociais digitais que depois moldaria a retórica da nova extrema-direita estadunidense. **Entender o funcionamento desta lógica ainda é uma fraqueza muito cara à esquerda no Brasil e no mundo.**

Mas um passo de cada vez.

Fato é que da mesma forma que um fumante crônico pode se sentir atacado com um falatório anti-tabagista, eu entendo perfeitamente o esforço da cultura channer para cercar a massificação do conhecimento quanto a estes espaços de socialização anônima. Não à toa as regras 1 e 2 do 4chan (que as vezes se apresentam como “regras

da internet") são:

Regra 1: Você não fala sobre o /b/.

Regra 2: Você NÃO fala sobre o /b/.

O /b/ é como é conhecida a partição, o subfórum, de aleatoriedades do 4chan, o mais famoso e mais influente dos chans. Um chan (ou *imageboard*) é um fórum anônimo com uma ética de sociabilidade interna focada na liberdade de expressão irrestrita, no gozo desregrado. É a lógica de sociabilidade deste espaço onde tudo é possível, de pura positividade (de "*liberdade, caralho!*"⁸), que marca a lógica de monetização, socialização e cognição da internet ao longo da década de 2010 e que hoje adentra a lógica da comunicação política vide personalidades como Donald Trump, Jair Bolsonaro, Javier Milei e, mais recentemente, Pablo Marçal.

O objetivo deste livro é democratizar o conhecimento de que a "liberdade irrestrita" das redes sociais mais aflingem do que emancipam o usuário crônico das mídias digitais. Esta (sensação de) liberdade das redes é antes um sintoma das novas formas de poder atuantes no atual estágio da chamada sociedade do desempenho (HAN, 2015). A escrita deste livro flui em sentido **espiralar** (de espiral), onde as vezes retorno a conceitos anteriormente citados – uma vez que são conceitos complexos – para fluir em direção a um **entendimento centralizado das discussões feitas**. Para realizar esta discussão divido este livro em **cinco capítulos**, ou melhor, **cinco camadas**, fazendo analogia às camadas de um *Iceberg da Deep Web*. Este é o *iceberg* do Fascismo Tecno-Regressivo, e nossa intenção é realizar uma cartografia de seus movimentos, da superfície às profundezas. A figura do funil do marketing também serve como ilustração.

Na **primeira camada**; "*Mapeando a Matrix* " entenderemos o papel das estratégias de publicidade e recomendação de conteúdo para a mediação da percepção de realidade a partir das redes digitais e suas relações sociais com o “enfraquecimento da coletividade da língua” (LAZZARATO, 2014), dos discursos e entendimentos de

⁸ Slogan do "La Libertad Avanza", partido de Javier Milei.

convivência no atual paradigma comunicativo da chamada “economia da atenção”. Uso a referência constante à franquia Matrix de forma pedagógica e também como resposta à apropriação do símbolo da Red Pill pela Alt-Right (*acontece que Matrix é o filme da minha vida e eu não podia deixar barato...*). Aqui busco deixar claro o funcionamento da lógica econômica que guia as gigantes de tecnologia como o Google, Meta (antigo Facebook) e X (antigo Twitter). Para tal, parto das postulações acerca da sociedade do cansaço do filósofo coreano radicado na Alemanha Byul-Chul Han (2010). Conceituaremos também a ideia de "Solipsismo linguístico" para teorizar a condição epistemológica na qual o sujeito desta economia da atenção – produto desgastado da sociedade do desempenho (idem) – forma sua identidade e se comunica com seus grupos de convivência, excluindo quem está de fora; o exogrupo. Este é o maior capítulo do livro pois aqui está o que considero ser o mínimo necessário para se entender a atual realidade comunicativa da política. Este se propõe a ser um capítulo de pesquisa bibliográfica, mais didático que os demais, que se propõem a ser mais exploratórios. Pode-se dizer que aqui está o referencial teórico desta pesquisa.

Na **segunda camada**; "*A Cultura da Transgressão e os Chans*", observo e procuro narrativizar a evolução dos chans como formato de mídia e, consequentemente, sua participação como meio nos embates políticos da última década. Suas implicações para o ativismo digital, os conflitos entre usuários de esquerda e de direita, os *Anonymous* e a *Alt-Right*, durante os anos que precederam a (primeira) eleição de Donald Trump são aqui nossos objetos de análise.

Na **terceira camada**; "*Fascismo Tecno-Regressivo*" busco solidificar este conceito à luz dos dispositivos teóricos apresentados nos capítulos anteriores e aplicá-lo à realidade política da última década. Aqui apresento a teoria da "Grande Regressão", de Matt Alt (2020), que traduz o atual espírito do tempo em que, diante das mais radicais mudanças do laço social (do vertical para o horizontal) os sujeitos se voltam para um conforto interno (positivo), regressivo, contraposto ao externo, que não entendem (negativo), uma vez que carecem de referenciais para navegar por este mundo horizontal. Esta é a condição que faz do novo fascismo, um fenômeno regressivo.

Na **quarta camada**; "*Infiltrado no Chan*", realizaremos a análise do que, na linguagem da acadêmica, chamamos de "corpus" da pesquisa. Ou seja, é onde, como sugere o nome, nos "infiltramos" no chan e analisamos a formação subjetiva de seus

usuários através de análise de discurso de ordem francesa, de tradição pecheuxtiana (ORLANDI, 2003). Sendo este o capítulo que nomeia o livro, este se assemelha à faixa-título de um álbum de estúdio de uma banda. Aqui está certamente o capítulo de leitura mais visceral uma vez que guio o leitor ao mundo de enunciação violenta e confessional de dois fóruns anônimos: o Dogolachan e o 1500chan. Escolho estes chans como objetos de análise por serem; primeiro, no caso do Dogolachan, o fórum onde se organizou os atentados de Suzano-SP em 2019 e, segundo, no caso do 1500chan, o fórum anônimo brasileiro mais conhecido atualmente. A constante exposição midiática destes dois espaços traz a necessidade de entendimento crítico quanto ao formato de sociabilidade em questão: a sociabilização anônima digital, de gozo desregrado.

Na **quinta camada**; "*A infantilização da política*", nos aprofundaremos nos efeitos da lógica da economia da atenção para a interpretação e vivência da realidade a partir do conceito de "cotidianidade", de Agnes Heller (2011) e de "distração epistêmica", de James Williams (2019). Estes conceitos se apoiam na lógica de trabalho cognitivo descrita por Evgeny Morozov como "extrativismo" de dados" (MOROZOV, 2017) apresentados no capítulo 1. A infantilização da política é o ponto de amarração das lógicas da economia digital com o discurso do que chamamos de Fascismo Tenco-Regressivo, que é, como se verá, um discurso de pura positividade. E para gerir esta pura positividade, a eliminação do outro (na forma de negatividade) pode vir a ser desejável. Entende-se aqui que seja este o motor das novas formas de fascismo – ultra-liberal na economia e conservador nos costumes – que emergem desde a década passada. Não à toa figuras como os já citados Donald Trump, Javier Milei e o próprio Jair Bolsonaro, personagens do populismo digital da nova direita, são sempre figuras de força e de potência, contra o "*mimimi*" da oposição e defensores ferrenhos da "liberdade", sempre com chavões e atitudes "transgressoras", "contra o *establishment*", contra "*tudo que tá aí!*". Também exploramos a intensificação dos conflitos de classe e da retórica supremacista desde a campanha presidencial de Trump em 2024 até sua posse.

Em suma, **este é um livro de crítica cultural e comunicação política embasada em uma etnografia dos chans no Brasil que busca dissertar sobre as novas dinâmicas de coerção e captura de desejo dentro das novas dinâmicas de**

poder. Aqui estão os entendimentos finais da minha dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2021, orientada pelo professor Carlos Alberto Zanotti, da PUC-Campinas e cuja banca teve a honra de contar com a presença do professor Sergio Amadeu, da UFABC. O objetivo deste livro é atualizar minha dissertação a partir dos últimos desdobramentos políticos do mundo – o que é um baita desafio neste mundo acelerado e em constante crise – e traduzi-lo, na medida do possível, em uma linguagem mais acessível que a de um trabalho de conclusão de curso de s. Por isso me permito fluir em uma linguagem de ensaio.

Diante do mundo desbussolado de Terra Dois, é dever da ciência, da comunicação e de uma militância política humanista criar forças que se contraponham à reação anti-civilizatória, regressiva, do capital de nuvem/tecno-feudal. O Fascismo Tecno-Regressivo é a expressão de sua reação, que cria uma verdadeira Matrix que prende os sujeitos em uma rede interesses que não são os seus. Aqui pegamos emprestado saberes da psicanálise lacaniana (e da esquizoanálise deleuzo-gattariana) para tentar re-orientar este sujeito desbussolado diante de um mundo completamente novo.

A Psicanálise no tempo de Freud visava descobrir os impasses, os traumas que impediam uma pessoa de alcançar o futuro que idealizava. O futuro era claro, difícil era seu acesso. **A Psicanálise no século XXI não é um tratamento do passado, mas, ao contrário, é invenção de um futuro.** Freud escreveu três famosos textos sobre a organização social: Totem e Tabu, Futuro de uma Ilusão e Mal estar na Civilização. É nossa tarefa, hoje, reinterpretar essa sociedade, não mais à luz do Complexo de Édipo, mas à luz de um novo amor além do pai, o que exigirá falarmos da responsabilidade de cada um ante sua escolha. Se antes, o objetivo de uma análise, com Freud, era o de se conhecer melhor, hoje, com Lacan, **o que importa é retificar a posição da pessoa em relação ao radical desconhecimento do Real, do “que não tem nome nem nunca terá”, levando-a a inventar um futuro e a sustentar esta invenção.** (FORBES, 2010, grifo nosso)

Portanto, **é preciso inventar um novo futuro**, onde a nostalgia pela ordem disciplinar se torne obsoleta, onde o reacionarismo, tanto dos jovens quanto dos mais velhos seja uma lembrança de um breve momento de confusão na história da civilização. Assim, proponho uma imersão nos discursos do sujeito incel (a vanguarda do reacionarismo digital) para descobrir suas angústias e as máquinas desejanças que as apaziguam. E, conseqüentemente, inventar respostas a estas angústias ou, pelo menos, tirá-los de um *looping* viciante que só beneficia o capital de nuvem-tecno-feudal. Para

superar esta adolescência civilizatória em que estamos, é preciso reconhecer os limites das atuais fantasias hegemônicas e superá-las: **sair deste sonho juvenil significa sair desta Matrix.**

A metáfora, as alegorias a conceitos de filmes como Matrix e outras obras da cultura pop são esforços de referência e criação de uma linguagem para a massificação e distribuição das ideias aqui presentes que, no meu entendimento, podem guiar o leitor, mesmo o usuário mais assíduo de chans, à uma socialização verdadeiramente livre das novas formas de poder da sociedade digital. Livrar-se destas forças de coação invisível significa também livrar-se das enfermidades que as acompanham. Portanto, **é preciso infiltrar-se no chan** e entender sua lógica comunicacional uma vez que **o chan infiltrou-se na sociedade, na política e na guerra**, mesmo que silenciosamente.

Está preparado para ver *o quão fundo vai a toca do coelho?*

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle** (1990). In: Conversações. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 219-226.
- FORBES, Jorge. **Psicanálise do homem desbussolado**. Psique (São Paulo), v. 53, p. 14-15, 2010.
- HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: ÂYINÉ, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis:Vozes, 2017.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: SESC, 2014.
- MOROZOV, Evgeny. **Big Tech: A ascensão dos dados e a morte da política**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- VAROUFAKIS, Yanis. **Technofeudalism: what killed capitalism**. Hoboken: Melville House Publishing, 2024,
- WILLIAMS, James. **Stand out of our Light: Freedom and Resistance in the Attention Economy**. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

Camada 1.

MAPEANDO A MATRIX

– Você acredita em destino, neo?

– Não.

– Por que não?

– Porque não gosto da ideia de que eu não estou no controle da minha vida.

– Eu sei exatamente o que quer dizer. Deixe que eu diga porque está aqui. Você está aqui porque você sabe de algo. O que você sabe você não sabe explicar. Mas você sente. Você sentiu a sua vida toda, que tem algo de errado com o mundo. Você não sabe o que é, mas está lá, como um espinho na sua mente, te deixando louco. É este sentimento que lhe trouxe até mim. Você sabe do que eu estou falando?

– Da Matrix.

– Você quer saber o que é? A Matrix está em todo lugar. Está ao nosso redor, até mesmo agora nesta sala. Você pode vê-la quando olha pela sua janela, ou quando liga sua televisão. Você pode senti-la quando vai ao trabalho, quando vai à igreja, quando paga seus impostos. *É o mundo que é colocado a frente dos seus olhos para te cegar da verdade.*

– Que verdade?

– Que você é um escravo, Neo. Assim como todo mundo você nasceu em amarras, nascido em uma prisão que você não pode cheirar ou saborear ou tocar. **Uma prisão para sua mente.** Infelizmente ninguém pode dizer o que a Matrix é. É preciso vê-la você mesmo. Esta é sua última chance. Depois disso não há volta. Se você tomar a pílula azul, a história acaba, você acorda na sua cama e acredita no que quiser acreditar. Se você tomar a pílula vermelha, você fica no país das maravilhas e eu te mostro o quão profunda é a toca do coelho.

(Morpheus abre as duas mãos e oferece a Neo uma pílula azul e uma pílula vermelha.)

O Que é a Matrix?

Matrix, das irmãs Wachowski, é uma daquelas obras que furam a bolha do cinema. Mesmo quem não assistiu reconhece sua iconografia, cenas, diálogos e símbolos. É um marco da cultura pop que talvez tenha na famosa **Red Pill** seu maior legado. A simbologia da pílula vermelha vem do primeiro filme, de 1999. Ao fim do primeiro ato o protagonista Neo é confrontado com a escolha de tomar uma pílula azul, que lhe faria permanecer em um estado de fantasia, de ilusão, proporcionado pela simulação da Matrix, ou tomar uma pílula vermelha, que lhe faria “despertar” da simulação da realidade em que vive e enxergaria a “verdade inconveniente” do mundo. Thomas Anderson (nome pelo qual Neo é chamado na Matrix) é o arquétipo do típico trabalhador de escritório do final dos anos 90, um *average guy* com um emprego entediante de manhã, mas que pelas madrugadas assume sua "verdadeira identidade": o famoso hacker Neo. Ele se divide entre seu *eu-ideal* (o hacker Neo) e seu *ideal-de-eu* que a Matrix lhe impõe (o funcionário Thomas Anderson). A pílula vermelha daria a Neo o acesso à verdade do mundo, o permitindo acessar seu "verdadeiro eu", que a Matrix suprime. Mas o que é a Matrix?

É um desafio tentar descrever o que é a Matrix. O próprio Morpheus, mentor de Neo diz que é impossível defini-la; *é preciso vê-la por si só*. Aqui talvez esteja a própria razão do sucesso e relevância de Matrix como filme, que até hoje está presente no imaginário coletivo mais de vinte anos depois de seu lançamento: **a obra é polissêmica**, tem vários significados que podem ser entendidos a depender de quem o assiste. E esta é a definição de sucesso na indústria cultural, a forma de um produto bem-sucedido, que atinge a todos os públicos de forma capilarizada, representando algo único para cada um.

Segundo o filósofo esloveno Slavoj Žižek (1999) Matrix funciona como um teste de Roschach, aquele teste em que o analista mostra cartões com borrões de tinta e o analisando as interpreta. A polissemia do filme permite tanto que psicanalistas Lacanianos conseguiram ver na trama os conflitos entre o Real, o simbólico e o imaginário; quanto teóricos da escola de Frankfurt possam ver a estrutura da indústria cultural em funcionamento; enquanto marxistas podem identificar sem dificuldades o

processo de alienação capitalista como o centro do enredo. Da mesma forma, teóricos da conspiração conseguem ver no filme uma legitimação de seus "mitos" e pensá-los de acordo com os referenciais simbólicos que o filme traz.

Mas se for necessário defini-la, **o que afinal seria a Matrix?** Para Zizek (1999), é o "grande Outro" lacaniano; a *ordem virtual simbólica que estrutura nossa realidade*.

Esta dimensão do “grande Outro” é a da alienação constitutiva do sujeito na ordem simbólica: o grande Outro puxa nossas cordas, o sujeito não fala, ele “é falado” pela estrutura simbólica. Em suma, este “grande Outro” é o nome da Substância social, de tudo aquilo pelo qual o sujeito nunca domina plenamente os efeitos dos seus atos, isto é, pelo qual o resultado final da sua atividade é sempre outra coisa com relação ao que ele pretendia ou antecipou. (ZIZEK, 1999)

A Matrix seria então uma metáfora narrativa do superego coletivo, a estrutura simbólica que rege a ordem social. É o conjunto de ficções que estruturam a realidade: *são as ideologias dominantes*. E "sair da Matrix" significaria ver além dessas estruturas, ver além das ideologias. Mas esta definição não basta. É preciso contextualizar cronologicamente o filme.

No final do primeiro filme o agente Smith, principal vilão da franquia, diz a Morpheus que a simulação foi construída com base no que ele chama de "auge da sociedade": o ano de 1999, que é também o ano de lançamento do filme. A fala de Smith denota o poder profético de uma metalinguagem inquietante. Apenas dois anos depois, no dia 11 de setembro, os Estados Unidos seriam vítimas do maior ataque terrorista em seu território, inaugurando a era da "Guerra ao terror" encabeçada pelo Governo Bush filho, e que precederia a crise de 2008.

O ano de 1999 marcava uma década da queda do muro de Berlim e das experiências socialistas do século XX. Dez anos de hegemonia do capitalismo norte-americano, um período conhecido pelo espírito do “Fim da História” (FUKUYAMA, 1999), o sentimento de que no mundo não havia mais lugar para disputas ideológicas e o capitalismo neoliberal se entendia como uma espécie de "sistema final" onde a humanidade teria chegado ao seu cume organizacional. Na lógica do filme, faz todo sentido que as máquinas, como uma inércia do espírito tecnocrata neoliberal, tenham

baseado a simulação da Matrix no ano de 1999, que pode ser visto como o ponto máximo de um modelo de funcionamento ideológico ideal: quando, justamente, se pensa que está além de todas as ideologias. **Eis a Matrix.**

A partir de 2008 fica mais fácil ver como a retórica do fim da história não passava de um *wishful thinking* do capital norte-americano. Do contrário não estaríamos cercados de novas guerras por procuração nem pensaríamos em uma nova guerra-fria travada pelos Estados Unidos, China e Rússia. Mas é justamente neste paradigma supostamente pós-ideológico (ou pós-histórico, seguindo os termos de Fukuyama), que foi possível a rápida ascensão das máquinas que operam a (nossa) Matrix. Os computadores ficavam cada vez mais populares nos anos 80 e 90 e a tecnologia alcançava cada vez mais facetas da vida cotidiana. A promessa das empresas de computação para o futuro era de que a tecnologia romperia com as antigas formas de poder disciplinar; burocráticas, antiquadas e analógicas. **O futuro agora era digital.**

Esta mensagem é muito bem comunicada com o icônico comercial do Macintosh no Super Bowl de 1984⁹. A ascensão da Apple e Microsoft com seus computadores pessoais fáceis de usar – em comparação com os antigos computadores da IBM, que dependiam de conhecimento da linguagem de programação para seu manuseio – decretou o caminho para o estabelecimento do que hoje chamamos de Big Tech. A hegemonia do Big Tech, como propõe Evgeny Morozov (2017, p.32), marca a concretização do que Gilles Deleuze chama de “sociedade de controle” (1992); a sociedade organizada pelos computadores.

A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder a um tipo de máquina: as máquinas simples ou dinâmicas para as sociedades de soberania, as máquinas energéticas para as de disciplina, as cibernéticas e os

⁹Nesta peça de publicidade da Apple, se reproduz o imaginário do livro 1984, de George Orwell, onde fileiras de pessoas uniformizadas marcham sincronizadas até uma enorme tela para assistir o discurso da figura totalitária do Grande Irmão enquanto uma mulher foge de guardas na mesma direção, carregando um martelo. Ela arremessa o martelo na tela gigante, que explode. Em seguida aparece o texto narrado: "On January 24th, Apple Computer will introduce macintosh. And you'll see why 1984 won't be like "1984". O Grande Irmão fazia referência à IBM, líder de mercado na época. A novidade do primeiro Macintosh era a interface gráfica como conhecemos hoje, que permitiria que qualquer um pudesse usar o Macintosh sem muita dificuldade, ao contrário dos outros computadores da época. A obra 1984 trata de uma distopia autoritária marcada pela imposição do antigo poder burocrático disciplinar em todos os âmbitos da vida dos cidadãos, mas intermediados por novas tecnologias. O comercial da Apple chegava literalmente explodindo a cara do Grande Irmão, anunciando que o futuro havia chegado, e ele não era como os velhos engravatados da IBM, com sua clássica estrutura de administração disciplinar e de uso complicado de seus produtos. A futuro da Apple era menos hierárquico, fluido, e empoderava o usuário. Disponível em: <https://youtu.be/2zfqw8nhUwA?si=mhgg7RsosOd2jcbXh>. Acesso em 30/01/2024.

computadores para as sociedades de controle. **Mas as máquinas não explicam nada, é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas são apenas uma parte.** (DELEUZE, 1992, p.2016, grifo nosso)

Estes agenciamentos são precisamente as estruturas de poder que tem nas máquinas apenas o instrumento de sua execução. As relações na sociedade de controle são intermediadas por grandes empresas de tecnologia, que modulam a socialização a fim de gerenciar sua subsistência. Microsoft, Apple, Visa, Mastercard, como donas das estruturas e dos meios de produção dessa nova sociedade, garantiram sua posição como gerentes do novo poder. A aldeia global, celebrada pelos entusiastas da internet no tempo de sua chegada, teria então dado espaço a verdadeiras concentrações “feudais” de poder agenciados pelas empresas de comunicação que, em última instância, nos libertariam de forças opressoras do poder disciplinar não por emancipação, mas por uma mutação do exercício do poder.

Esta crescente digitalização da sociedade gerava novos medos no imaginário popular como o bug do milênio e ansiedades relacionadas à perda de uma essência humana como consequência de um enfraquecimento da coletividade neste novo paradigma. *“Se a influência das novas e abundantes tecnologias está nos moldando de forma que não conseguimos mais nos reconhecer, o que ainda haveria de humano em nós?”*. Este era o novo anseio que acompanhava a rápida digitalização da vida. As mudanças tecno-sociais eram (e ainda são) muitas, e muito rápidas. Se hoje nos assustamos com os avanços tecnológicos que agora surgem exponencialmente como a IA generativa e realidade virtual, **imagine o cenário de quarenta anos atrás**. Tanto no ocidente quanto no oriente, estes anseios são presentes em obras de ficção científica como *Akira* e *Ghost in The Shell*, nas quais *Matrix* toma inspiração. Neste imbrólio, surge um novo gênero literário.

A literatura *cyberpunk*, gênero do qual *Matrix* faz parte, já expressava este pessimismo tecnológico na década de 80. **"No Future"** era o slogan dos punks ingleses e americanos que viam nas políticas neoliberais da era Reagan e Thatcher – aliadas à rápida colonização da tecnologia na vida cotidiana – o fim de qualquer expectativa otimista de vida com o fim do estado de bem-estar social do pós-guerra. Grandes clássicos do *cyberpunk* como *Snow Crash*, *Neuromancer*, *RoboCop* e outros projetavam o futuro sombrio fruto das novas tendências neoliberais que se tornavam hegemônicas. A crescente precarização do trabalho e ultra-liberalização da economia criava o

imaginário da distopia capitalista/cyberpunk. O mote do cyberpunk é "*Hight Tech, Low Life*": *alta tecnologia e baixa qualidade de vida*. Os *cyberpunks* são sujeitos que se apropriam da tecnologia que estrutura sua opressão para lutar contra ela.

Seguindo esta forma narrativa do gênero, Neo eventualmente se torna o "escolhido", aquele capaz de ver os códigos por trás da simulação e controlar a Matrix. Ele enxerga para além das dinâmicas de poder da sociedade de controle simulada; vê o *back-end*, a estrutura das ideologias e ficções que moldam o *front-end* social. Sua caracterização como um hacker, alguém que conhece bem os meios técnicos de poder, é construída para gerar empatia facilmente com um trabalhador de escritório ou mesmo um garoto nerd que se interesse por computadores. É um convite à identificação com o protagonista cyberpunk. O impacto do filme, no entanto, não se apoia tanto na identificação com o arquétipo do personagem, mas na sua jornada de entendimento de que a realidade é, afinal, uma construção que pode ser superada. Aqui entra em cena aquela polissemia de Matrix que lhe permitiu fazer tanto sucesso.

A história de um sujeito que descobre que o mundo que conhece não passa de uma ilusão que esconde um mundo maior é um dos pilares da filosofia ocidental desde a alegoria da caverna de Platão. Matrix, como produto da indústria cultural, não tem o mesmo aprofundamento de um tratado filosófico, afinal, trata-se de um filme blockbuster. A filosofia está lá para os fãs de *filme cabeça*, junto com algumas das mais icônicas cenas de ação do cinema. A ironia que o filme carrega é que ele utiliza o que há de mais avançado na tecnologia computacional de sua época para justamente criticar a onipresença da tecnologia na vida das pessoas, permitindo um esvaziamento da própria mensagem e a inclusão de sentidos outros. Precisamente aqui está o calcanhar de aquiles da obra e talvez do gênero cyberpunk como um todo. As imagens falam mais alto. É como ver os desenhos de um quadrinho sem ler os balões. E os desenhos em questão são bem estilosos.

Matrix é abertamente inspirado no livro "Simulacros e Simulação"(1981) do Filósofo Jean Baudrillard, cuja capa inclusive aparece em uma das primeiras cenas do filme. Baudrillard foi convidado a participar das sequências do longa-metragem tendo, no entanto, declinado. Finalizada a trilogia, o filósofo teceu críticas à obra, alegando que

ela teria cometido erros conceituais no que se refere à sua filosofia. Em entrevista ao jornal *Le Nouvel Obsertateur*, Baudrillard afirma que

o equívoco de Matrix foi retirar a ambiguidade do choque entre o virtual e o real e conceber a Matriz como uma tecnologia de onde é retirado o perigo e o negativo. Uma narrativa esquemática onde o deserto do real (sujo, decadente e perigoso) é substituído por uma tecnologia maquiavelicamente precisa, onde **até as anomalias e revoltas já estariam previstas nas equações**. Em outras palavras, sob a aparente crítica “Matrix” representaria um sintoma do fascínio cultural pelas tecnologias computacionais. (grifo nosso)¹⁰

O equívoco de Matrix, para Baudrillard, foi sua simplificação filosófica, sua redução binarista do real e do virtual. O real no filme seria negativo demais e o simulado seria perfeito demais, sem espaços para ambiguidade e ironia, o que estaria muito mais próximo filosoficamente do mito da caverna de Platão do que de Simulacros e Simulação – que aponta justamente para o enfraquecimento das fronteiras do real e do virtual na vida cotidiana. O sucesso de Matrix, no entanto, pode ter sido tão estrondoso justamente por conta deste “erro” filosófico, que permite ao espectador encaixar esta tal “descoberta da realidade” onde bem entender. É a questão da polissemia. A trama da luta maniqueísta do bem contra o mal cria um binarismo que reduz a complexidade da filosofia de Baudrillard, inserindo-a na forma da indústria cultural, da jornada do herói, preconcebida pela necessidade de se vender um produto de mídia.

*“Matrix’ é certamente o tipo de filme sobre a matriz
que a matriz teria sido capaz de produzir”*

(BAUDRILLARD, 2003, idem)

O canal Normose, no Youtube, faz uma excelente análise da crítica de Baudrillard apontando que

Em Simulacros e Simulações, há uma defesa do poder dos símbolos e da disputa de sentido terem mais peso do que a realidade. As pessoas vivem nessa realidade simulada performando a sua beleza perfeita. Para Baudrillard, isso seria um sintoma

¹⁰ Entrevista concedida ao jornal *Le Nouvel Obsertateur*, tradução disponível em <https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/2012/8/30/matrix-revisitado-por-que-jean-baudrillard-no-gostou-do-filme-29944.html>.

daquilo que ele chamou de hiper-realidade. E Matrix não colocou isso na trilogia.

Ou seja, a crítica de Baudrillard diz que **o que guia a sociedade é a manutenção performática de estados ideais de existência**. É a reprodução de papéis sociais e a construção de ficções que guiam a própria sociabilidade, que têm um peso até maior do que a realidade (material) em si. **É a hiper-realidade: a realidade mediada pela manutenção ideológica dela mesma**. Há de se pontuar que as ideologias, as quais ninguém escapa, são as ficções que moldam nossa realidade. A hiper-realidade é o sintoma superestrutural de uma infraestrutura que trabalha para mistificar a relação do sujeito com o mundo. É a Matrix. Ou poderia ser. O filme não explora esta mistura das fronteiras entre o real e o virtual; pelo contrário, as separa. Cria um mundo real e um virtual muito bem definidos, gerando no espectador um estado de gozo criado pelo sentimento de descoberta "*da verdade*". Um sentimento maniqueísta, binário, reducionista. Mas precisamente aqui está o **núcleo libidinal** da obra. Aqui está "**O molho**" do filme. É esta forma de criação de desejo que é muito bem aproveitada pelas novas direitas no século XXI, que permite a negação da realidade (logos) e a criação de fantásticos mundos paralelos nos quais os sujeitos se reúnem em torno (pathos) e alcançam um gozo resultante de uma "*descoberta da verdade*", que os une em um grupo com ideais comuns. **É a própria pós-verdade**.

Este é o afeto que amarra toda rede discursiva deste modo de mobilização de militância digital no qual a Alt-Right se especializou. Matrix se tornou uma obra tão influente que transgrediu as fronteiras da arte e adentrou na gramática política como objeto de disputa de sentidos. É a redução da filosofia de Baudrillard que permite que Matrix torne-se vítima de si mesmo e transforme-se em objeto da manutenção da hiper-realidade. E o símbolo agenciador desta performance de "*descobrimento da verdade*" é a tão famosa **pílula vermelha**.

“Se não sabemos que é real não podemos resistir. Pegaram sua história, algo que significava tanto para pessoas como eu e transformaram em algo trivial. É isso que a Matrix faz, transforma em arma toda ideia, todo sonho, tudo que é importante para nós.”

– Bugs (Matrix: Resurrections)

A Matrix enquanto sistema ideológico hegemônico engoliu a Matrix enquanto arte ao se apropriar da metáfora da pílula vermelha. A desterritorialização e dessacralização do mundo é o mote do capital, que tem no fascismo sua frente de defesa. **O quarto filme, *Matrix: Ressurections* faz deste movimento seu argumento.** Aqui ele é mais direto e filosoficamente mais denso para evitar repetir o próprio erro. E talvez por isto ele tenha sido recebido com reações mistas. Na estória, as máquinas re-inserem Neo na Matrix e transformam sua história em um jogo. Toda a sua jornada é reduzida a um mero produto que existe dentro da trama. Assim, toda saga da luta pela libertação dos humanos contada ao longo de três filmes se torna apenas mais uma lembrança trivial para aqueles que estão conectados à simulação. A história de sua revolução se torna mais um instrumento de seu domínio. Uma elegante autocrítica metalinguística à emergência da Red Pill, na minha humilde opinião.

O capital, assim como a Matrix, busca colonizar e docilizar tudo que nele circula – mesmo as ideias mais críticas – por meio da estrutura de simplificação que a indústria cultural impõe aos seus produtos em ordem de fazê-los circular na dinâmica comunicacional-capitalista. E quanto mais a tecnologia cria novos formatos e atinge mais pessoas, mais acelerada ela se torna, contra-incentivando a reflexão e o pensamento crítico. À medida que os meios de comunicação evoluem e aceleram, a produção cultural se adapta. O meio é a mensagem.

Na época da globalização da internet, o formato modular dos memes assume a forma de reapropriação do capital cultural, que usa a cultura como ponte para reapropriação da ideologia dominante. Na política não existe espaço vago. Uma vez que a crítica ao sistema ocupa um espaço, o sistema se apropria da crítica transformando-o em produto de sua subsistência. A franquia Matrix como um todo se apropria das dinâmicas de poder do capital na sociedade de controle (que mascara e distorce a realidade por meio da ideologia) e as transforma em elementos narrativos. A nova direita estadunidense – que exerce grande influência na direita mundial –, condensada na figura da Alt-Right, faz este mesmo movimento: se apropriam do imaginário da Redpill (um elemento narrativo) para atualizar suas dinâmicas de poder e criar uma linguagem que garanta coesão à sua mobilização. É a dinâmica da guerra-cultural que *Matrix: Ressurections*, como resposta, também segue, o que justifica sua existência mais de vinte anos depois do lançamento do título original.

Porém, há aqui uma novidade. A sociedade de controle evoluiu. A Matrix evoluiu. Os algoritmos de recomendação, a web 2.0, inauguram uma nova etapa do poder: a psicopolítica. Esta é a nova etapa da Matrix na qual ainda estamos presos. E entender esta bagunça conceitual em termos narrativos, com ajuda destes filmes que embasam até a retórica da Alt-Right, pode nos ajudar a narrativizar e entender estas novas formas de disputa de poder. Nos termos do professor Cesar de Castro Rocha (2021), a organização discursiva e de manipulação de desejo da nova direita é uma esfinge que, se não desvendada, nos devora. E uma vez que esta esfinge se apropria de uma narrativa específica (a retórica da Red Pill), **destrincha-la e superá-la é o único caminho para não ser engolido.**

*“Tivemos informações do oráculo de um novo poder surgindo. Foi a última vez que
soubemos dela.”*

– Niobe (Matrix: Resurrections)

Da Biopolítica à Psicopolítica

É preciso entender a antiga Matrix para entender a nova. A Red Pill é um objeto simbólico típico da lógica de poder que Byul-Chul Han (2018) chama de psicopolítica, que é a superação da antiga biopolítica Foucaultiana (2010). Mas o que é a biopolítica primeiramente? Façamos um pequeno, mas necessário desvio para nos localizarmos conceitualmente. Foucault (Idem) entendia a sociedade moderna pós-revolução francesa como dependente de novas formas de poder e dominação. Com a ascensão do liberalismo a sociedade não se encontrava mais sob a liderança de um rei; um senhor; um soberano, como era o caso das antigas sociedades de soberania, onde o controle sobre a morte marcava o fluxo de poder naquele sistema de produção: produção agrária. Através do discurso iluminista do progresso científico, a nova sociedade engendrava um aumento da produção de bens de consumo e consequentemente do poder de suas novas burguesias, que se contrapunham ao antigo poder soberano; o poder monárquico.

A manutenção do desenvolvimento saia então das mãos do soberano para as mãos do mercado através da racionalidade do método científico e a categorização sociológica de todos os aspectos da vida, que marcavam o entendimento de progresso no iluminismo. Assim surge a biopolítica (FOUCAULT, 2010) como forma de controle sobre os corpos na chamada sociedade disciplinar. Esta forma de controle se apoia na necessidade de categorização de diferentes aspectos da vida a partir da imposição de normas ideologicamente desenvolvidas que orientem o desejo dos sujeitos. **Orientar os desejos dos sujeitos significa dar as coordenadas pelas quais os sujeitos devem guiar suas identidades de acordo com dinâmicas de poder em questão.** Assim surgem novas formas de subjetividades, ideais de corpo e estatísticas a respeito de funções físicas dos trabalhadores, nascimentos e óbitos entram em cena; todas categorizações biológicas a fim de gerir a manutenção da sociedade disciplinar.

O liberalismo, motor econômico e filosófico da sociedade disciplinar, pede pela categorização geral de todas as funções do corpo para que este seja devidamente orientado ao seu devido lugar de produção. As categorizações disciplinares, consequentemente, evoluem para ideais morais e culturais. Magro e gordo, bonito e feio,

rico e pobre, heterossexual e homossexual, saudável e doente. Estes ideais, no entanto, não são historicamente universais ou mesmo concretos. São valores subjetivos, mas com grandes implicações para aqueles considerados "deviantes". **Assim se dá o poder negativo da disciplina.** Existia o *normal* totalizante, e o *anormal*, o que foge à regra. Nos sistemas repressivos do século XX impunha-se controle através da negação, da defesa imunológica contra o outro.

Esse século foi uma época imunológica e a ação imunológica era definida como ataque e defesa. Assim como no sistema imunológico dos organismos, também na sociedade havia uma divisão nítida entre próprio e estranho, ou entre amigo e inimigo. Esse dispositivo imunológico ultrapassou o campo biológico e adentrou o âmbito social, inscrevendo uma cegueira: pela defesa, afasta-se tudo que é estranho. Mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, ele deve ser eliminado devido à sua alteridade. (HAN, 2015, p.1)

A moldagem subjetiva – a necessidade de categorização – da sociedade disciplinar não permite individualidade num sentido que contraponha o fluxo de produtividade, de geração de riqueza para a máquina que gera riqueza. **O capital, lembremos, é valor que gera valor.** Na filosofia de Foucault, o liberalismo ironicamente desnuda o mito da promessa de libertação do indivíduo na modernidade, enquanto as forças produtivas da modernidade não permitem desvio das normas positivas de existência em sociedade. Assim, o poder disciplinar gere a vida através da manutenção da negatividade, da interdição. Você NÃO DEVE ser vagabundo, você NÃO DEVE ser gay, você NÃO DEVE cometer crimes. Afinal, o que mais você haveria de ser se não um tradicional operário ou trabalhador da lavoura, pai-de-família, com uma vida como a de todo mundo? A negatividade da disciplina materializava-se em suas estruturas simbólicas: da família, da fábrica, da igreja, da escola, da prisão, espaços de confinamento que separavam a vida de trabalho da vida pessoal. A biopolítica como forma de controle da vida social dependia destes espaços para a imposição da hierarquia disciplinar.

Foucault ressalta que a principal função das instituições no estrato sócio-histórico da sociedade disciplinar é a de normalização, implementando práticas classificatórias hierarquizantes e distribuindo lugares. [...] O que um estabelecimento visa é controlar os desvios dos sujeitos enquanto indivíduos, esquadrinhando seus comportamentos e efetuando sobre eles uma vigilância constante. (BENELLI, 2014, p.17-18)

A própria arquitetura – marca do espaço físico, material – das construções que simbolizam o poder disciplinar (como a igreja, os tribunais e escolas) impõem sua influência a partir de seu poder simbólico, imagético, que se apresenta como palpável, presente e, portanto, passível de confinamento. **É no confinamento, no espaço fechado que opera a disciplina. O controle, por outro lado, é marca da onipresença da disciplina.** É preciso que os fluxos de disciplina corram pelos diversos setores da sociedade, antes fechados. Mas como acontece essa abertura dos fluxos de disciplina/poder? Ela depende, claro, da evolução dos modos de produção/geração de valor.

À medida que a produção material aumenta, surge a publicidade para direcionar a venda deste excedente. Enquanto na aurora da sociedade disciplinar a produção girava em torno da mercadoria em um nível mais básico, mais palpável e direcionado à subsistência, eventualmente a produção passaria a ser também virtual, psíquica, imaterial. São os bens de consumo da indústria cultural; filmes, jogos, programas de tv, a *liberdade* da Coca-cola, o *hype* dos tênis da Nike, o *glamour* de um perfume da Channel, enfim. Estados emocionais, subjetivos, tornam-se objetos de desejo e, portanto, de consumo. Essa caixa de pandora foi aberta por Edward Bernays, sobrinho de Freud, que se baseou nas teorias psicanalíticas do inconsciente humano para criar a publicidade moderna e assim ajudar a vender o excedente produtivo de sua época. Até então, o capitalismo era guiado pela necessidade. O mercado atendia a demanda à medida que ela surgia. Isto agora era passado. **Bernays inaugurou a lógica de criação de demanda e produção de desejo.** Eis aqui o primeiro embrião do que viria a um dia se tornar a Matrix: a máquina de hiper-realidade que guia os discursos hegemônicos através da *criação, captura e manutenção do desejo*.

Uma geladeira não servia mais apenas para refrigerar comida, mas também para compor a imagem ideal de dona de casa prendada que o "demográfico feminino" aprendera com as revistas e os comerciais de TV. O carro não é mais apenas uma forma de transporte – em uma sociedade rodoviarista que é construída prevendo e gestando

este tipo de necessidade –, agora ele é também uma extensão do ego do *consumidor masculino*. Os bens de consumo não mais respondem à supressão da necessidade. Era preciso criar estímulos para *fazer a economia girar*. E assim Bernays o fez. Marx já enfatizou que uma mercadoria não é apenas um objeto que compramos e consumimos. Uma mercadoria é um objeto carregado de qualidades teológicas e metafísicas. Pode-se dizer, sagradas. Sua presença sempre reflete uma transcendência invisível. É o fetiche da mercadoria. Esta transcendência é agora o que guia a produção de valor e de desejo. Assim o capitalismo – que dessacralizara a sociedade moderna – deu à forma mercadoria seu status teleológico: como o fim sagrado buscado pelo sujeito social. É o sonho com os novos produtos top de linha do mercado que substituem a religiosidade na vida moderna.

Com o avanço das tecnologias digitais, automatização das fábricas, financeirização da economia, supressão dos sindicatos e o refinamento das técnicas publicitárias, caminhávamos para a próxima etapa do poder: a já citada **sociedade de controle** (DELEUZE, 1990), onde a produção de bens de consumo dá lugar à economia de serviços como principal motor de produção. **Neste novo paradigma, o corpo perde gradativamente seu espaço de protagonismo na produção capitalista e a mente vem tomar seu posto, intermediada pelos computadores.** Este intermédio, no entanto, pede aos seus sujeitos (*sujeitos a algo*) uma participação constante através de estímulos positivos, em vez de negativos. O exercício do poder, portanto, não será mais na proibição física dos corpos (*você PRECISA ser um trabalhador disciplinado para conseguir comer e sobreviver*), mas no estímulo mental da produção e desempenho (*você PODE ser quem quiser se consumir os produtos certos, portanto, trabalhe*).

A nova sociedade de controle não seria, então, um descarte do conceito de disciplina, mas uma evolução uma vez que novas forças entrariam em jogo. A onipresença da comunicação é a principal delas. O controle é marcado pela **não definição dos limites do poder das instituições**. As fronteiras do poder na sociedade de controle são difusas e abertas, alheias a qualquer confinamento, enquanto na sociedade disciplinar são pontualmente marcadas e bem definidas, fechadas. Estas aberturas de fluxos de poder eram gradativamente abertas através da popularização da internet. À medida que os computadores tomavam conta de cada vez mais setores da sociedade e o poder da sociedade de controle amarrava todos os aspectos da vida cotidiana, emergia o que Richard Barbrook e Andy Cameron chamaram em 1995 de **Ideologia californiana**.

A Ideologia californiana pressupõe uma fé quase que messiânica nas novas tecnologias e no entendimento de que os computadores resolveriam todos os problemas da humanidade.

Esta nova fé emergiu de uma bizarra fusão da boemia cultural de São Francisco com as indústrias de alta tecnologia do Vale do Silício. Promovida em revistas, livros, programas de televisão, páginas da rede, grupos de notícias e conferências via Internet, a Ideologia Californiana promiscuamente combina o espírito desgarrado dos hippies e o zelo empreendedor dos yuppies. Este amálgama de opostos foi atingido através de uma profunda fé no potencial emancipador das novas tecnologias da informação. (BARBROOK; CAMERON, 2018, p.11)

Com o fim da União Soviética e o declínio das experiências do Socialismo real do Leste europeu, as esquerdas e direitas estadunidenses se unem com entusiasmo ao projeto libertário do Vale do Silício. A energia revolucionária dos Hippies dava as mãos ao (ou era cooptada pelo) empreendedorismo dos Yuppies da era Reagan. Era um projeto de pura positividade que se via livre de seu contraponto ideológico. Assim nasce o sonho utópico do libertarianismo tecnológico que guia as maiores mentes da Big Tech até hoje. Isto sim é um marketing bem feito. Bernays ficaria orgulhoso.

Uma vez que os novos burgueses dessa nova "classe digital" (BRARBROOK; CAMERON, 2018, p.16) do Vale do Silício se tornam a classe dominante, a Ideologia californiana se torna a ideologia dominante. Uma vez garantido o controle – garantida a influência ideológica da tecnocracia californiana na ordem econômica mundial –, a ordem agora é de maximização; desempenho. O imperativo do capital tecnológico é explorar, viabilizar e acelerar novas formas de produção. A maior destas novas formas de produção é a extração do que é chamado hoje de "**petróleo do século XXI**": **dados**. Esta mudança na ordem econômica muda radicalmente a dinâmica do poder.

A sociedade de controle descrita por Deleuze (1990), teria sido um conceito transitório. Elas são hoje o que já deixamos para trás. A sociedade de controle é o que sucede a **disciplina biopolítica** (FOUCAULT, 1977) mas também antecede o **desempenho psicopolítico** (HAN, 2018), uma nova e mais sutil forma de controle, que só é possível graças à onipresença da ideologia californiana no mundo do trabalho contemporâneo. Quando tudo se torna classe digital sob domínio dos senhores Tecno-Feudais (VAROUFAKIS, 2023) do Vale do Silício, sua ideologia se torna nossa Matrix.

Podemos dizer então que a sociedade do desempenho por onde opera o poder psicopolítico descrita por Han (2018) é a evolução da sociedade de controle de Deleuze (1990) – que é ela mesma uma evolução da sociedade disciplinar de Foucault (1977). A lógica do desempenho psicopolítico é o que garante que o indivíduo se torne mais ágil, ambicioso e adaptativo na sua função produtiva através da positividade do PODER, em vez da negatividade do DEVER.

*A virada para a psique e, em consequência, para a psicopolítica, também está relacionada à forma de produção do capitalismo atual, pois ele é determinado por modos imateriais e incorpóreos. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas. O corpo como força produtiva não é mais tão central como na sociedade disciplinar biopolítica. Em vez de superar resistências corporais, processos psíquicos e mentais são otimizados para o aumento da produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental. Assim, o *neuro-enhancement* se diferencia fundamentalmente das técnicas psiquiátricas disciplinares. (HAN, 2018, p.40, grifos do autor)*

O *neuro-enhancement* é a ordem do poder psicopolítico. Com o amadurecimento das tecnologias da informação das últimas décadas, as formas de categorização da vida atingem seu estado mais extremado graças ao modelo de extração de dados das redes sociais. As Big Techs são os grandes colossos da nova sociedade psicopolítica do desempenho. Nesta nova formação social o controle acontece por meio da imposição da positividade libertária: VOCÊ PODE SER UM MILIONÁRIO, VOCÊ PODE CONSUMIR O QUE QUISER, VOCÊ PODE FALAR E FAZER O QUE QUISER, VOCÊ PODE!

*O poder pode se expressar como violência ou como repressão, mas não se baseia nisso. Não é necessariamente excludente, proibitivo ou censor. E não se opõe à liberdade: pode até mesmo usá-la. Apenas em sua forma negativa é que o poder se manifesta como violência negadora que verga as vontades e nega a liberdade. Hoje, o poder assume cada vez mais uma forma permissiva. Em sua permissividade, ou melhor, em sua *afabilidade*, o poder põe de lado sua negatividade e se passa por liberdade. (HAN, 2018, p.26, grifos do autor)*

Eis o **dilema da liberdade** (HAN, 2018, p.9). O psicopoder precisa de abertura, ao contrário do biopoder, que precisa de confinamento. Esta abertura se aproveita do sentimento de liberdade para diferenciar-se das antigas formas de poder. É o poder inteligente – *smart power* (HAN, p.25). O *neuro-enhancement* otimiza nos sujeitos os

fluxos de positividade que permitem o psicopoder fluir. É a lógica da otimização mental que faz um sujeito moldar sua cognição e visão de mundo para melhor aderir a socialização dentro de um grupo de segmentação de mercado (dentro do novo paradigma das redes digitais). A estrutura subjetivante que antes moldava um sujeito ao longo de sua vida (casa/escola/igreja/fábrica) e criava corpos dóceis hoje é aperfeiçoada e devidamente adaptada à dinâmica psicopolítica para a criação de "mentes dóceis". **O discurso abstrato de "liberdade" é o escudo que protege este fluxo.**

A técnica de poder do regime neoliberal assume uma forma sutil, flexível e inteligente, escapando a qualquer visibilidade. O sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão. O contexto de dominação permanece inacessível a ele. É assim que ele se sente em liberdade. (HAN, 2018, p.26)

A liberdade surge como o fio condutor da positividade que guia os fluxos do poder psicopolítico. A progressão subjetiva assume a forma do funil de vendas, das “alegrias do marketing”: (*conteúdo/conteúdo relacionado/conteúdo relacionado mais nichado*). A psicopolítica assume a forma das relações-públicas, permissiva e afável como a publicidade no exercício do poder. O gozo, portanto, será o núcleo no qual as disputas de poder giram em torno. **A Matrix, a manutenção da ideologia dominante, se alimenta de gozo, que atrai o desejo dos sujeitos e garante sua manutenção.** Assim se dá o domínio silencioso da política libidinal.

Ditadura do Gozo

*"Bom, meu antecessor amava precisão. A Matrix dele era cheia de equações e fatos rebuscados. Ele odiava a mente humana. Ele não percebeu que vocês não ligam para os fatos. É a ficção que importa. O único mundo que importa é o que está aí dentro. E vocês acreditam nas coisas mais malucas. Porquê? **O que valida e torna suas ficções reais? Sentimentos.**"*

– Analista (Matrix: Ressurections)

Ressalto: com novas formas de produção de valor, criam-se também novas formas de poder que direcionem os sujeitos a esta criação de valor. É a velha máxima de que o capital precisa produzir as subjetividades que garantam sua reprodução. Numa sociedade que goza da infinita criação de valor imaterial – *filmes, séries, programas, músicas, softwares, conteúdo digital* –, como direcionar os sujeitos à esta nova e abundante forma de produção uma vez que o corpo não está mais no centro da produção industrial? A dicotomia aqui é entre o trabalho realizado pelo corpo e o trabalho realizado pela mente. Não é mais preciso que corpos humanos empreguem seus esforços físicos para que a produção continue. **Temos máquinas para isto.**

O *dever* deu espaço ao *poder*: a antiga sociedade dos espaços delimitados das fábricas, dos ambientes fechados de trabalho disciplinar agora se abrem para a colonização da mente como um aparato sempre motivado pelo *self-enhancement*, pela melhoria de si. Assim, não há mais momento não-produtivo. Byul-Chul Han (2010) descreve uma "Sociedade do Cansaço" como consequência deste paradigma. **A produtividade é gerenciada pela abertura das possibilidades de auto-desenvolvimento e não mais pela obrigação estritamente rígida de papéis sociais fixos.**

Para elevar a produtividade, o paradigma da disciplina é substituído pelo paradigma do desempenho ou pelo esquema positivo do *poder*, pois a positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever. Assim, o inconsciente social do *dever* troca de registro para o do *poder*. (HAN, 2015, p.7)

A disciplina social deu lugar ao desempenho e hoje as obrigações não são mais negativas, mas positivas. A positividade do *poder* é bem mais eficaz que a negatividade

do *dever*. O gozo do *poder* é hoje a força que move todas as outras forças econômicas uma vez que estão subordinadas ao fluxo de informação comunicacional em que hoje se apoia o poder das Big Tech's. Este fluxo fora inaugurado com a prensa de Gutemberg, no século XV, e atinge seu ápice em fluidez e velocidade com a chegada dos algoritmos de recomendação que marcam a sociedade do desempenho/cansaço (HAN, 2015). A internet está no centro desta mudança de paradigma uma vez que permite a (e pede pela) exploração total de todos os possíveis nichos de subjetividade (e consequentemente, de mercado). **Esta é a lógica que faz com que nichos culturais, de vídeos e conteúdos cada vez mais específicos (e/ou estranhos) apareçam online (e depois offline).** A retenção da atenção guia a lógica da produção de valor. E na economia da atenção, "a nata" do conteúdo é aquele que é mais facilmente compartilhável. Busca-se ao máximo comoditizar o puro gozo, o *gosto* (eu *gosto* disso), sem atritos, sem negativos. É o imperativo do *like*, recorrente na obra de Byul-Chul Han.

Todo conteúdo digital é hoje subornado ao "corte", ao compartilhamento de um **núcleo-libidinal** que desperte mais e mais emoções (boas ou ruins) no usuário, tornando-o viciado neste ciclo infinito de gratificação. Sabe aqueles videos de quiropraxia com as pessoas estralando as costas, o pescoço, enfim? O núcleo-libidinal deste conteúdo, que justifica sua postagem e consumo, está no próprio estalar dos ossos, que assistimos e imaginamos o possível alívio gerado em nossa cervical cansada. Isto cria um demográfico de público atingido; uma faixa etária e possíveis padrões de consumo. Até mesmo a aversão está subordinada à gratificação do compartilhamento. Compartilha-se aquilo a que somos aversos para sinalizar virtudes. *"Eu não sou este desalmado maltratando este bichinho, eu não sou esta pessoa cringe passando vergonha, eu não sou este comunista/bolsominion inocente que não sabe nada do mundo"*. O(s) ego(s)¹¹ está(ão) no cerne da produção material contemporânea e o que sustenta este(s) ego(s) são as infinitas possibilidades de ser que se abrem através das redes sociais. A subjetividade está hoje intimamente ligada ao que se consome, ao núcleo-libidinal que se busca e ao estímulo que se dá à máquina. A produção esquizofrênica de desejos que orientem as mais variadas formações egóicas é a marca dos novos meios de comunicação. E ela se sustenta pelo vício.

¹¹ Escrevo ego com uma multiplicidade em parênteses porque, como veremos no capítulo 4, o sujeito contemporâneo se encontra em dificuldade de formar um ego coeso uma vez que narrativizar o mundo em meio a abundância de informação e carência de sentido torna-se cada vez mais difícil.

Podemos sempre ver mais um Tiktok, mais um video no Youtube ou mais uns posts no Reddit antes de dormir, afinal, a humanidade evoluiu séculos e mais séculos para que finalmente tenhamos todo o conteúdo de infinitas bibliotecas de Alexandria na palma de nossas mãos, então... *por que parar?* Se podemos ser e ter quem e o que quisermos, para quê (ou como) se contentar? Han (2018, p.28) diz que "proteja-me do que eu quero" é o aviso inerente ao capitalismo do *curtir*, mas outra frase clássica na cultura pop atual que também resume esta condição existencial é a clássica "**Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades**". A questão é que somos a primeira geração a ter acesso a este novo poder e não aprendemos ainda a criar esta responsabilidade, a nos proteger do que queremos. Portanto, o que nós queremos (*e podemos vir a querer*) se torna a isca para nossa própria submissão neste novo paradigma econômico. Não sabemos ainda lidar com estas grandes responsabilidades. Assim como um recém-nascido maravilhado com a descoberta do mundo fisicamente sensível, estamos também maravilhados e assustados com outro tipo de descoberta: o mundo virtualmente sensível. Ou melhor; os mundos virtualmente sensíveis. A grande novidade aqui é a presença do outro dos esquemas comunicacionais.

Aprender a conviver com a alteridade se tornou uma tarefa muito mais difícil uma vez que existem hoje diversas alteridades em choque, diversos outros, se comparado a poucas décadas no passado. A possibilidade e necessidade da máquina informacional da internet de produzir subjetividades acaba também transformando o medo do outro em objeto de agenciamento, de união entre diversos grupos que se formam para negar a alteridade pois entende-se que esta venha lhe fazer algum mal, *tirar sua liberdade, destruir a família, estragar o rolê, etc.* No atual estado da sociedade do desempenho o outro pode ser visto como uma negatividade que pode ser afastada. Em casos extremos, eliminada. E o psicopoder garante a formação de um nicho de mercado a ser explorado. A *nova política digital* transforma política em disputa de mercado (ao menos estruturalmente).

A eliminação do outro aparece aqui como "negação da negação" (HAN, 2015, p.6), típica da autoafirmação imunológica da sociedade disciplinar. "A dialética da negatividade é o traço fundamental da imunidade" (idem). A afirmação autoimunológica segue o paradigma da sociedade disciplinar de afastar tudo que seja estranho, mesmo

que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil (idem). No entanto, Han afirma que não é a imunologia que marca as novas formas de violência da atual sociedade do desempenho. Isso quer dizer que a violência sistêmica hoje não é *viral*, não buscaria afastar do conjunto social aquele que é estranho, deviante, à norma societal. A violência sistêmica hoje é *neuronal*, fruto da positividade, que escapa da lógica da imunologia pois não tem negatividade.

A violência da positividade não é excludente, mas saturante, exaustiva, sendo inacessível a uma percepção direta. A violência neuronal não parte mais de uma negatividade estranha ao sistema. É antes, uma violência sistêmica, isto é, imanente ao sistema, um excesso de positividade. (HAN, 2015, p.6)

Enquanto a violência negativa é marcada pela proibitividade, a positiva é marcada pela permissividade. A violência da permissividade é aquela que te OBRIGA a curtir, que te OBRIGA a ser a melhor versão de você, que te OBRIGA a *talvez fazer aquilo que você possa um dia vir a querer fazer*, contanto que suas opções estejam dentro do conjunto oferecido pela e para a manutenção do capital tecnológico e da devida produção cognitiva. Mas se Byul-Chul Han (que sabe mais do que eu) está dizendo que a violência hoje é positiva e não negativa, então o que explica a polarização da sociedade em diversos países, as produções de separação – que são chamadas cismogêneses – tão características da sociabilidade digital atual? O que explica essas identidades baseadas na negação do outro?

Meu humilde palpite é que a negatividade da imunologia disciplinar, em vez de ser relegada ao passado, se converteu apenas mais uma forma de positividade – subordinada ao desempenho. Ou seja, o sentimento da negação do outro (típico da imunologia disciplinar) agora é um afeto que agencia identidades e é recompensado dentro da lógica algorítmica. O preconceito e negação do outro virou categoria de segmentação de mercado e, portanto, de recomendação de conteúdo. Se consome uma positividade nostálgica pela performance do poder negativo do passado.

Acontece que a dinâmica permissiva de poder do desempenho é viciante. As redes sociais são viciantes. Portanto, o exercício da negação (dentro dos grupos que se organizam em torno dela) também será. E ela é viciante porque oferece respostas simples e emocionais à sentimentos de inadequação tão típicos deste atual momento de cacofonia de identidades fluindo online. Assim é a dinâmica de radicalização inerente

ao atual estágio do capitalismo Tecno-Feudal (VAROUFAKIS, 2013).

Essa técnica busca ativar, motivar, otimizar, não obstruir ou oprimir. A particularidade da sua eficiência está no fato de que não age através da proibição e da suspensão, mas através do agrado e da satisfação. Em vez de tornar as pessoas *obedientes*, tenta deixá-las *dependentes*. (HAN, 2018, p.26, grifos do autor)

Uma vez que somos uma sociedade do desempenho e, ao mesmo tempo, *tanto nada nos proíbe de nada quanto somos compelidos ao externamento constante do nosso ego para produção de trabalho imaterial*, a imunologia como modelo de sociabilidade passa de norma para excessão. Isso já é suficiente para que aqueles que se juntem em torno dela sintam-se transgressores, *diferentões*, e, portanto, **especiais**. A negação da alteridade torna-se objeto de agenciamento para aqueles que se sentem afetados por ela (alteridade) via *violência neuronal* de conteúdos positivos de outros grupos que não os abrangem (o que formaria, assim, uma negatividade). Assim surgem os conteúdos e discursos que carregam a forma imunológica (negação do outro) como uma nostalgia pelo paradigma disciplinar (aquele passado idealizado). Essa nostalgia passa a ser apenas mais um objeto de agenciamento de subjetividades online.

– *Tem muitos gays e muitas mulheres nos filmes e nos jogos. Tirem a lacração das minhas franquias favoritas!*

A partir de um enunciado como este, os sujeitos agora podem se reunir em torno do combate à esta nova "cultura woke", que nomeia suas dores. A dor deste sujeito, no entanto, não é causada pela mera existência do outro, mas pela presença do outro neste esquema de positividade comunicativa onde antes era hegemônico (no caso, filmes e jogos). A violência neuronal (da sociedade do desempenho) – que é mais dificilmente percebida porque se ampara no sentimento de liberdade – surge para estes sujeitos com uma roupagem de violência imunológica (*minha identidade branca está sendo apagada!*) e, por isso, a produção de conteúdo positivo destes sujeitos seguirá o formato imunológico (*precisamos nos defender contra o genocídio branco afastando os _____!*). Assim se produz o discurso de ódio, que é uma reação emotiva (pathos) da uma falta de narrativa (logos) que dê conta de explicar as complexidades de um mundo em constante mudança.

Quando a palavra não é mais necessária para intermediar o que se quer, para refletir sobre o que se teme, para inquirir o

que se ignora; quando a palavra perde sua função de pacto social, ficamos suscetíveis ao curto-circuito do gozo. O gozo que prescinde da palavra é, em consequência, ilógico e desregrado. (FORBES, 2010)

Este gozo desregrado, sintoma da ausência de simbólico, é sintoma da estrutura do poder do desempenho, que existe para realizar a própria manutenção, para confirmar e retroalimentar os próprios viéses. Por isto as redes sociais se organizam, naturalmente, em bolhas, em câmaras de eco que onde todos os participantes são espelhos de si e o externo representa um empecilho a este gozo desregrado. Assim, o outro aparece como causador de suas angústias uma vez que se desconhece a estrutura material (quando a palavra não dá conta de simbolizar o laço social) causadora de suas dores. Assim a reação deste outro é lida sob a lente da mesma fantasia imunológica/disciplinar: como "**censura**" ou como "**autoritarismo**" (formas de opressão típicas da sociedade disciplinar).

Gilles Deleuze, no entanto, já alertava sobre a possibilidade de que formas das antigas sociedades retornassem para compor os novos mecanismos de poder que surgiam: a sociedade de controle vinda dos computadores, que evolui para a sociedade do desempenho/cansaço com o refinamento dos smartphones e algoritmos de recomendação.

O estudo sócio-técnico dos mecanismos de controle, apreendidos em sua aurora, deveria ser categorial e descrever o que já está em vias de ser implantado no lugar dos meios de confinamento disciplinares, cuja crise todo mundo anuncia. Pode ser que meios antigos, tomados de empréstimo às antigas sociedades de soberania, retomem à cena, mas devidamente adaptados. (DELEUZE, 1992, p.3)

Os **meios antigos** que retornam à cena são precisamente a **negação imunológica do outro** e a **nostalgia pela forma soberana de poder típicas da sociedade disciplinar**¹². Por isso, entende-se aqui, os discursos da nova extrema-direita miram em sujeitos que em outras épocas fariam parte de posições socialmente hegemônicas; tipicamente homens brancos que se sentem não representados por discursos positivos outros que circulam no atual fluxo da economia de produção imaterial (economia da

¹² As vezes formas mais arcaicas que retornam à cena são performances de nostalgia ao tempo do Brasil imperial ou mesmo de uma suposta "pureza" moral encarnada pela figura de guerreiros templários e figuras afins. É neste esquema nostálgico que se faz presente a bandeira dos estados confederados nos protestos da Alt-Right norte-americanos ou qualquer nostalgia por um tempo prévio a um suposto declínio moral.

atenção). Assim o discurso imunológico da extrema-direita se apropria de sentimentos de frustração social e os direcionam à negação do outro como nostalgia por tempos onde estas dores não faziam parte da vida do sujeito e o outro, o diferente, não tinha a mesma voz, a mesma presença que tem hoje. O reacionarismo assume uma roupagem digital e se apresenta como novidade. Uma velha novidade.

"Nada abrande a ansiedade como um pouco de nostalgia."

– Morpheus (Matrix: Resurrections)

Fica fácil, então, criar uma ligação entre as angústias do sujeito do desempenho/cansaço com a presença do outro uma vez que a politização – a conscientização das razões sócio-económicas de suas angústias – carece ainda de representação positiva. **Ou seja, falta comunicação política (que desmistifique a relação material entre o sujeito e suas angústias socio-econômicas) que circule num fluxo de positividade psicopolítica que converse com este sujeito.** O novo fascismo, no entanto, consegue produzir conteúdo positivo que abraça as angústias do sujeito do desempenho/cansaço, não como resultantes de uma realidade histórica complexa, mas como um simples conflito a-político, a-histórico, do outro negativo contra o "eu" positivo.

Esta redução binarista da complexidade político-econômica social é ideal para o fluxo de positividade digital. Por isso a nova direita digital teve vantagem na produção de conteúdo e de formas de subjetividades nos primeiros anos da década passada; por não depender de um aprofundamento conceitual de seu conteúdo. Pelo contrário, para se inserir no fluxo de positividade das redes sociais, quanto mais raso e de valor afetivo fosse o conteúdo, mais recomendado e relatável este seria. O complexo, o profundo, não combina com a alta velocidade do fluxo da máquina digital, que pede por feedbacks positivos que as ensinem como melhor extrair este mesmo feedback de nós.

A piada nas redes sociais é que enquanto um meme de direita que seus tios recebem no WhatsApp são hiper-simplificações das complexidades econômicas que compõem as disputas políticas, os memes de esquerda são, geralmente, entendidos apenas por aqueles do mesmo espectro político, que já estão inseridos no entendimento destas complexidades.



Figura 1 - Exemplo metafórico de meme de esquerda; complexo e dependente de certo conhecimento teórico.

Se o atual paradigma econômico é o de produção imaterial, de criação e agenciamento de subjetividades online, entende-se assim como é útil para o fluxo de positivities online que existam nichos de conteúdo baseados na negação da convivência com o outro. Afinal, diante de um grande descolamento social destes sujeitos com o outro existe um nicho de mercado a ser categorizado e explorado. É o caso da **Redpill**, que agencia homens com frustrações diversas que são, segundo eles, causadas pelas mulheres e pela ascensão do feminismo: o *exogrupo*, o *outro* que materializa suas angústias.

Acontece que para se manter uma produção constante de subjetividades que garantam a reprodução deste tipo de trabalho; o trabalho imaterial positivo, é preciso que estes nichos apenas reforcem suas crenças, prendendo o sujeito neste local de *consumo-produção*. **Assim é a lógica dos buracos de coelho dos algoritmos de recomendação.**

No capitalismo contemporâneo, a subjetividade é o produto de uma indústria de massa em escala global. Para Guattari, ela é até mesmo a primeira e mais importante das produções capitalistas, pois a subjetividade condiciona e participa da produção de todas as outras mercadorias. (LAZZARATO, 2014, p. 53)

E, claro, a lógica vale para qualquer nicho e qualquer subjetividade que se pesquise online. O problema que esta pesquisa identifica, evidentemente, é quando estes nichos reforçam o afastamento da coletividade e a ideia de eliminação (simbólica ou não) do outro, dificultando assim o processo de sociabilidade e civilidade. **Assim se alimentam as forças do fascismo digital.** Neste atual modelo de automatização dos fluxos de desejo que gerenciam a produção imaterial, o usuário das redes sociais é análogo a um rato de laboratório que diz para a máquina o que lhe recomendar para passar mais tempo nela. Hoje, afinal, é preciso que os cérebros humanos empreguem seus esforços psíquicos – dentro da lógica psicopolítica – para treinar os algoritmos de recomendação para que a produção imaterial continue. É preciso ensinar as máquinas a extrair mais eficientemente o gozo que permite os fluxos de positividade que as (retro)alimentam. **Não temos máquinas para isto, portanto, nos tornamos elas.**